



Ministério

Janeiro - Fevereiro de 2004

Uma revista internacional para pastores e obreiros



ANO DA EVANGELIZAÇÃO MUNDIAL

2004



O que devo pregar?

James A. Cress

Secretário ministerial da Associação Geral da IASD

Eis uma pergunta recorrente a todo pastor: “O que devo pregar?” E espero que você a faça muito antes da noite de sexta-feira que, devido ao descuido homilético de certos pastores, costuma ser tão mortal como uma arma de fogo para algumas igrejas.

Nossa abordagem do Ano da Evangelização Mundial encoraja toda congregação a planejar atividades evangelísticas especiais. Também leva em conta o potencial evangelístico de suas programações regulares. As ocasiões quando os membros estão reunidos provêm excelente oportunidade para que o pastor pregue tendo em vista o aumento numérico e o aprofundamento espiritual de sua igreja.

É agora o tempo de planejar a pregação para todo o ano. Os Céus abençoarão seu processo de planejamento e o Espírito Santo o despertará para a profundidade espiritual dos temas que você deseja proclamar. Na verdade, Deus não concederá êxito à falta de planejamento. Como você compreenderia a voz divina se desconhece sobre o que pregará?

Uma boa resposta para a pergunta “o que devo pregar?” é: pregue sobre Jesus.

“O sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado, é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras. ... Isso tem de ser o fundamento de todo discurso feito por nossos pastores.” – *Obreiros Evangélicos*, pág. 315.

Cristo é o Procurador celeste que veio redimir a humanidade perdida. Apresente-O esvaziando-Se para viver entre nós – Deus conosco. Simplifique o evangelho: “Eu merecia morrer; Jesus tomou meu lugar.”

Cristo, a Palavra encarnada. Mostre como Sua vida e Suas palavras outorgam poder. Construa confiança na autoridade das Escrituras e no poder transformador da comunhão, através do seu estudo e de oração.

Cristo, o Criador. Alimente a fé dos ouvintes, mostrando-lhes a vantagem de crer em uma criação literal em seis dias. “Pela fé, entendemos que foi o Universo formado pela Palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem” (Heb. 11:3).

Cristo, o Conquistador. Assim como Ele expiou nossos pecados na cruz, saiu da tumba vitorioso sobre a morte. No grande conflito entre o bem e o mal, o triunfo do amor de Deus já foi assegurado.

Cristo, o compassivo Sumo Sacerdote. Tendo garantido nossa salvação no Calvário, Jesus aplica os benefícios da redenção através do Seu ministério intercessório em nosso favor, no santuário celestial.

Cristo, o Senhor do sábado. A guarda do sétimo dia torna-se um ritual inútil e vazio, à parte de um relacionamento dinâmico com o Senhor do sábado. Demonstre a beleza desse santuário no tempo, devotado ao repouso, culto e companheirismo.

Cristo, o Desejado das nações. Embora a paz completa na Terra somente ocorra no estabelecimento do Seu reino, Jesus pode reinar como Príncipe da paz em nosso coração, incutindo-nos amor pelos vizinhos, empatia por estrangeiros, e eliminando qualquer atitude discriminatória, de racismo, abuso e violência entre os crentes.

Cristo, o Senhor capacitador. A salvação somente pode ser alcançada pela fé nos méritos de Jesus. Isso leva os crentes a fazer de Ele seu exemplo de boas obras. A obediência não é o método, mas o resultado da salvação. Quem O aceita é por Ele capacitado e fortalecido para fazer todas as coisas.

Cristo, o Modelo. Deseja você elevar os padrões? Mostre Jesus como o exemplo a ser seguido. Pinte-O como o fundador do casamento, o amigo dos filhos e o parceiro que une a família para a eternidade. Mostre como Jesus dá vida abundante, agora; e peça uma resposta do uso fiel de tempo, talentos, tesouros e testemunho.

Cristo, o Juiz. A boa notícia do julgamento mostra-nos Jesus como nosso juiz, advogado e irmão que defende Seu povo. Somos justificados, santificados e glorificados por Jesus. Abençoada segurança; Jesus é meu!

Cristo, o líder da Igreja. Deus suscitou um movimento profético para cumprir Seus propósitos. Ele satisfaz as necessidades de Sua Igreja através dos dons do Espírito Santo, de modo que nada nos falte para cumprir a missão.

Cristo, o Rei vindouro. Mantenha a bendita esperança viva na mente e no coração das pessoas. Desenvolva a antecipação feliz da ressurreição dos mortos e focalize sobre as promessas do Seu breve retorno.

Quando você tiver abordado exaustivamente esses tópicos, faça de novo a mesma pergunta: “O que devo pregar?” A resposta permanecerá a mesma: “Pregue sobre Jesus!” **M**

“A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, de Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana da cruz do Calvário.”

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Ildete Silva e Rosemaria Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Programação Visual: Alexandre Gassul Streicher
Capa: PhotoDisc, Digital Stock

Colaboradores Especiais:
James Cress; Alejandro Bullón;
Jonas Arrais; Willmore Eva; Júlia Norcott

Colaboradores:
Arlindo Guedes; Barito Lazo;
Jair Garcia Góis; José Carlos Sánchez;
José S. Ferreira; Mário Valente;
Moisés Rivero; Rafael L. Monteiro;
Ricardo Palácios; Roberto Gullón

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br>
Serviço de Atendimento ao Cliente:
sac@cpb.com.br
Redação: ministerio@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio

Tiragem: 5.000 exemplares
5499/11677

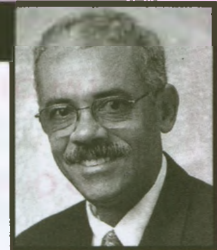
Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970,
Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – Km 106 – Caixa Postal 34,
18270-970 Tatui, SP



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluindo textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, *sem prévia autorização escrita* do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.



Vocação para testemunhar

Num passado não muito distante, já estivemos envolvidos em projetos destinados a evangelizar todo o mundo. Quem não se lembra, entre os obreiros com mais tempo de serviço, das campanhas “Semear, Colher e Conservar”, “Mil Dias de Colheita”, “Colheita Noventa” e, mais recentemente, “Missão Global”? Essas iniciativas contaram com a participação de toda a igreja e resultaram num crescimento fabuloso. Somos, hoje, mais de 13 milhões de adventistas em todo o mundo; quase três milhões, na Divisão Sul-Americana. Mas os desafios ainda são grandes.

Consideremos alguns fatos: a população do mundo já ultrapassa a marca de seis bilhões de pessoas. Segundo a *World Christian Encyclopedia*, os cristãos representam aproximadamente 1/3 desse total. Outra terça parte é composta de não-cristãos que podem ser alcançados através de contato pessoal. O 1/3 restante inclui não-cristãos fora do alcance de uma comunidade cristã. Como se vê, precisamos avançar. À parte dessa visão global, podemos identificar desafios específicos das regiões nas quais trabalhamos. E eles, certamente, não são menos significativos.

O que deveríamos fazer a fim de enfrentá-los com êxito? O que o Senhor requer de nós, como igreja, hoje, considerando a tarefa que nos foi confiada e a urgência de seu cumprimento em um mundo complexo, no qual a ventania tempestuosa das mudanças está soprando por todos os lados? Paulo responde, ao escrever aos efésios: “Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados” (Efés. 4:1). Aí está. A igreja não tem outra alternativa a não ser cumprir a vocação de ser um instrumento revelador da glória do caráter de Deus (Efés. 1:4-6). Ela foi planejada para ser santa e irrepreensível no mundo.

Como resultado desse primeiro aspecto de sua vocação, o *ser*, a igreja revela um segundo aspecto, o *fazer*, que está diretamente ligado à missão de tornar conhecida a “multiforme sabedoria de Deus” (Efés. 3:10). Assim, a vocação por excelência da igreja é ser testemunha de Cristo. Uma testemunha é alguém que declara e demonstra.

Como afirmou Ray G. Stedman, “a vocação da igreja está em declarar pela palavra e demonstrar em atitude e ação o caráter de Jesus Cristo, que vive dentro de Seu povo. Devemos declarar a realidade de um encontro que muda a vida de um cristão e demonstrar esta mudança através de uma vida altruísta e cheia de amor. Até que o tenhamos feito, não há nada que possamos fazer, que seja benéfico”. Conscientes dessa vocação e envolvidos pelo poder do Espírito Santo, poderemos nos tornar irresistivelmente habilitados a cumprir os propósitos do Ano da Evangelização Mundial, conquistando territórios que ainda nos são desafiadores.

Zinaldo A. Santos

ARTIGOS

- 7 • **UM CHAMADO PARA TODOS** • Todo membro da igreja deve participar da grande arrancada evangelística de 2004.
- 10 • **O QUARTO FATOR DA EQUAÇÃO REDENTORA** • A importância do papel humano no plano da salvação.
- 13 • **MUDANÇA DE PARADIGMAS** • Sugestões que podem facilitar a evangelização das metrópoles modernas.
- 17 • **A FONTE DO PODER** • Nenhum empreendimento missionário pode minimizar a importância do reavivamento.
- 19 • **CONSELHOS AOS EVANGELISTAS** • Como evangelizar um mundo complexo.
- 21 • **HÁ LUGAR PARA ELAS** • O Ano da Evangelização Mundial não dispensa a colaboração das mulheres.
- 23 • **A TENTACÃO DO PREGADOR** • É perigoso usurpar a glória devida a Deus
- 25 • **CRESCIMENTO EM DUAS VIAS** • Uma outra visão das igrejas que crescem devagar.
- 28 • **PASTOREANDO OVELHAS FERIDAS** • Cuidar dos membros abatidos também contribui para o crescimento da igreja.

SEÇÕES

- 2 SALA PASTORAL
- 3 EDITORIAL
- 4 CARTAS
- 5 ENTREVISTA
- 8 AFAM
- 9 PONTO DE VISTA
- 16 IDÉIAS
- 32 NOTÍCIAS
- 34 RECURSOS
- 35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



“Deus quer usar-nos. Está esperando para fazê-lo, mas espera que nos preparemos e à igreja, através de um reavivamento pessoal e coletivo.”

Charles D. Brooks

CARTAS

Temas atuais

Gostaria de aproveitar a oportunidade para expressar minha alegria por receber esta revista. Seus artigos são maravilhosos, abordando sempre temas atuais e pertinentes ao sacerdócio cristão. Sou um bispo anglicano na Nova Zelândia e tenho sido beneficiado por esta revista. O que me chama a atenção é o fato de que ela sempre traz matérias que têm sido o tema de minhas preocupações e meus estudos. Oro fervorosamente a Deus, suplicando-Lhe que abençoe vocês no cumprimento do seu ministério em favor dos ministros cristãos.

Richard Dyer, Richmond, Nelson, Nova Zelândia

Compreendendo os pós-modernistas

Com certa frequência, esta revista apresenta matérias que apresentam as dificuldades e nos dão subsídios para trabalhar com indivíduos de mentalidade secularizada. Tal abordagem me tem fadado profundamente, despertando-me para a necessidade de enriquecimento espiritual, a fim de enfrentar os desafios que o pós-modernismo representa.

Acredito que precisamos, antes de mais nada investir no relacionamento com Cristo, e orientar os membros de nossas igrejas na mesma direção. Não podemos minimizar a importância da devoção pessoal. Então, motivados pelo poder divino, poderemos oferecer nossa atenção, nosso apoio e segurança a pessoas com mentalidade secularizada, que têm necessidades especiais.

Embora seu crescimento espiritual não deva ser tão rápido como a maioria das pessoas, podemos ajudá-las na compreensão de Deus e Sua vontade, através de instrumentos tais como calor humano, manifestando sincero interesse e amor por elas. É por essa via que conseguiremos dirigir seu coração e mente para longe daquilo que é meramente temporal e das ideologias intelectuais materialistas.

Estrella A. Jordan, Prilly, Suíça

Congratulações

Desejo manifestar minha satisfação e cumprimentar a equipe que faz Ministério, pelo excelente trabalho realizado. Que o Senhor continue abençoando este trabalho.

Wagner Villela de Souza, Nova Iguaçu, RJ



Missão na Bolívia

Juventude boliviana também está pronta para os desafios e conquistas do Ano da Evangelização Mundial

Jonas Arrais

O Pastor Moisés Elias Rivero Dupleich nasceu em Oruro, Bolívia, e concluiu o curso teológico em 1990, na Universidade Adventista del Plata, na Argentina. No ano seguinte, iniciou suas atividades pastorais como capelão do Colégio Adventista Domingo Faustino Sarmiento, em Cochabamba. Em 1992, foi pastor auxiliar da igreja central de Santa Cruz. Nos três anos seguintes, liderou a igreja de Tarija, retornando em 1996 à Santa Cruz como pastor titular da igreja central, onde permaneceu dois anos. Em 1998, assumiu os departamentos de Jovens Adventistas e de Mordomia Cristã da Missão do Oriente Boliviano. Desde o ano 2001, serve à Causa de Deus como secretário ministerial e diretor do Ministério Jovem da União Boliviana. De sua união matrimonial com Sônia Dutra nasceram dois filhos: Noelia e Lucas.

Nesta entrevista, o Pastor Rivero fala a respeito dos desafios e conquistas da União à qual serve.

Ministério: Fale um pouco sobre a União Boliviana.

Pastor Rivero: A União Boliviana foi estabelecida em 1996, como resultado do crescimento explosivo experimentado pela antiga União Incaica, que incluía o Peru e a Bolívia. É uma União

que também está crescendo muito, com a bênção de Deus, contando atualmente com mais de 125 mil membros distribuídos em aproximadamente 900 congregações. Até o ano 2002, a União tinha apenas dois Campos: as Missões do Oriente e do Ocidente. Neste ano, foi criada a Missão Central da Bolívia. Também temos em nosso território a Universidade Adventista da Bolívia, que oferece os cursos de Teologia, Administração, Ciências Contábeis, Educação, Enfermagem, Fisioterapia e Engenharia de Sistemas.

Ministério: Nos últimos anos, a União Boliviana realmente cresceu consideravelmente. A que fatores o senhor atribui esse fato?

Pastor Rivero: Há uma conjugação de fatores que explicam o crescimento da Igreja Adventista na Bolívia. Entre eles podemos citar a visão de crescimento missionário que caracteriza as administrações da União e dos Campos, o que se reflete nos pastores e líderes de congregações locais, que estão perfeitamente identificados com a missão e os planos evangelísticos estabelecidos. Os projetos missionários são arrojados e apontam a construção de 70 templos em todo o país, desde 1998. Também não podemos esquecer o apoio da comunicação, através da Central de Comunicações Novo Tempo de Rádio e a produção de mídia. Esse setor tem sido fundamental no programa evangelístico da União.

Comprometimento missionário de administradores, pastores, líderes voluntários, além do apoio do setor de comunicações, são fatores que explicam o crescimento da igreja na Bolívia.

Não importa onde estejamos. O que importa realmente é o sentimento missionário com que desenvolvemos o nosso trabalho, em qualquer tempo e lugar.

Ministério: *Como o senhor avalia o pastorado adventista, hoje, e quais as maiores necessidades dos pastores?*

Pastor Rivero: Percebo que o ministério adventista na América do Sul está crescendo nos aspectos qualitativo e quantitativo. Quanto às suas necessidades, acredito que uma dentre as que considero vital é uma identificação cada vez maior com a missão. Somente assim, o trabalho será abençoado.

Ministério: *Se tivesse de descrever o pastor ideal, que características o senhor apontaria?*

Pastor Rivero: Um pastor, que deseje ser considerado ideal, deve ter duas metas muito claras. A primeira delas é o que eu chamo de velar pelo ser. Isso envolve preparo individual, vida espiritual do próprio pastor e de sua família, organização com metas e objetivos a serem alcançados. A segunda é velar pelo fazer, ou seja, executar o trabalho com amor, fazer discípulos, desenvolver criatividade contínua no trabalho missionário; enfim, crescer para brilhar.

Ministério: *O aconselhamento é parte do trabalho de um secretário ministerial. Em que áreas os pastores mais necessitam ser aconselhados?*

Pastor Rivero: A ética ministerial está baseada na confiança, na confiança e no amor. Muitos pastores precisam desenvolver essas ferramentas indispensáveis ao seu trabalho, a fim de que sejam amados e respeitados. Dessa maneira, a influência de sua autoridade será reconhecida.

Ministério: *Qual é a importância do pastor distrital como conselheiro dos membros de suas congregações?*

Pastor Rivero: Quando o pastor se aproxima dos membros e os ouve com

naturalidade, atenção e desprovido de quaisquer preconceitos, se torna querido e respeitado. É amado, quando dispensa igual tratamento ao rebanho. E a igreja sente que pode confiar nele. Tudo isso resultará em prosperidade no seu trabalho de atender as necessidades das pessoas.

Ministério: *De que maneira a esposa do pastor pode ajudá-lo no trabalho de aconselhamento?*

Pastor Rivero: O pastor tem algumas limitações, por sua condição masculina; e a esposa pode representar um grande apoio, conseguindo equilíbrio quando ajuda na tarefa de aconselhar. Ela marca presença e, muitas vezes, sua personalidade feminina facilitará a solução de determinados problemas das irmãs. Ou pode atuar também como uma proteção ao pastor, acompanhando-o, caso ele necessite aconselhar senhoras e senhoritas.

Ministério: *Ao aconselhar pessoas do sexo oposto, o pastor pode expor-se a ciladas típicas do inimigo. Como tais situações podem ser evitadas?*

Pastor Rivero: A família, esposa e filhos, sempre deveria ser reconhecida como prioridade máxima, desde o primeiro momento na vida do pastor. A presença da esposa junto a ele nas reuniões, de forma regular e natural, ou em visitas a outras mulheres, são atitudes que ajudam a protegê-lo das armadilhas satânicas.

Ministério: *A seu ver, que critérios básicos um pastor necessita preencher para ser um bom conselheiro?*

Pastor Rivero: Primeiramente, deve conhecer-se a si mesmo. Em segundo lugar, conhecer as pessoas. Em seguida, deve reconhecer suas limitações. Também precisa contar com o traba-

lho de uma equipe e delegar, com sabedoria, responsabilidades a pessoas que tenham o dom do bom relacionamento. Em determinadas situações, deverá buscar ajuda de profissionais especializados em psicologia ou psiquiatria, por exemplo. Outro fator indispensável é a habilidade para responder inquietações sempre com um “está escrito”, usando a Bíblia. Não deve desprezar a consulta a outros materiais de apoio bibliográfico. Finalmente, e não menos importante, deve manter um relacionamento constante, sólido e sadio com a fonte de toda sabedoria que é Deus.

Ministério: *Além de secretário ministerial, o senhor também é diretor do Ministério Jovem. Fale um pouco sobre a juventude boliviana.*

Pastor Rivero: Os jovens da Bolívia são muito dinâmicos e possuem a bela característica de aceitar desafios. As motivações evangelísticas têm feito com que eles estejam envolvidos em diferentes projetos missionários. Através da Associação Ministerial, estamos conseguindo envolver a juventude na pregação do evangelho em diferentes pontos do país, e programas de solidariedade e atividades comunitárias em favor da população. Na verdade, existem muitos desafios, mas esperamos superar nossos limites neste ano, 2004, o “Ano da Evangelização Mundial”. Temos uma juventude preparada e disposta.

Ministério: *Que conselhos o senhor daria aos aspirantes que estão iniciando sua carreira pastoral?*

Pastor Rivero: O pastorado é uma tarefa sublime e sagrada. Todo indivíduo que nela é engajado deve manter o sentimento de humildade, lembrando que a melhor experiência é aprender junto à igreja. Se o aspirante não conseguir desenvolver a criatividade, nos primeiros anos, dificilmente progredirá no futuro. Uma atividade fundamental para seu êxito é a de fazer discípulos em suas congregações, inspirando-os, motivando-os e capacitando-os a formar novos núcleos de crentes. Finalmente, eu diria que, não importa onde estejamos. O que realmente importa é o sentimento missionário com que desenvolvemos o nosso trabalho, em qualquer tempo e lugar onde nos encontremos. **M**

Um chamado para todos

A igreja está convocada para o Grande Ano da Evangelização Mundial



Ted Wilson
Vice-presidente da Associação Geral da IASD

Durante o Concílio Anual de 2002, líderes adventistas de todo o mundo escolheram 2004 como o “Ano da Evangelização Mundial”. Esse é mais um passo ousado rumo ao cumprimento da comissão evangélica, descrita em Mateus 28:19 e 20 e Apocalipse 14:6-12. Deus nos concedeu esta missão única, para um momento crítico da história terrestre: proclamar o evangelho eterno a todo o mundo, no poder do Espírito Santo.

Evangelismo não é algo novo em nossa Igreja. O Senhor nos tem possibilitado a oportunidade de colaborar com Ele na maior tarefa já comissionada a seres humanos, ou seja, partilhar Jesus e a realidade de Sua segunda vinda, bem como chamar nossos semelhantes a prestar-Lhe verdadeira adoração.

O Ano da Evangelização Mundial é um chamado unificador para colocar nossa confiança em Deus, envolvendo-nos em todo tipo de atividade evangélica: pessoal, pública, “Um milhão em ação”, “Semear um bilhão”, pequenos grupos, e outros programas que atualmente são conduzidos pela igreja ao redor do mundo. Todo membro de igreja, velho ou jovem, pastor, obreiros de todas as áreas, administradores, professores, servidores das casas publicadoras e das instituições médicas, todos, sem distinção, devem participar ativamente dessa arrancada.

Nenhum método deve ser descartado: campanhas de evangelismo público, trabalho pessoal, pequenos grupos, distribuição de literatura, cursos de saúde, através do uso dos meios de comunicação tais como rádio, televisão, livros, revistas e internet.

O projeto dá ênfase especial à conquista de milhões de pessoas nos centros urbanos. Existe a famosa “Janela 10-40”, onde apenas 5% da população professam o cristianismo, além dos

pós-modernistas que negam a necessidade do evangelho. Um foco específico está direcionado aos jovens, no sentido de encorajá-los a unir-se aos mais idosos e pastores, em um esforço agressivo para levar a verdade bíblica ao mundo. Essa é uma grande oportunidade para servir ao Senhor, especialmente agora, no fim da história mundial.

Cada Divisão, União, Campo local e igreja terão de adaptar e contextualizar o formato dos programas do Ano da Evangelização Mundial às realidades e necessidades locais. Mas a mensagem é clara: vamos levantar Jesus, atraindo para Ele e Sua segunda vinda a atenção das pessoas. É um privilégio ser parte do movimento adventista suscitado por Deus, envolvido na proclamação das mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12.

Um dos aspectos mais importantes do Ano da Evangelização Mundial é conservar os membros das igrejas, pastores, evangelistas e líderes focalizados na missão única de partilhar Cristo com outras pessoas, no contexto da mensagem adventista. Podemos estar seguros de que todas as forças satânicas serão arregimentadas na tentativa de desviar-nos desse propósito.

Os desafios que estão diante de nós são gigantescos. Somente a completa dependência de Cristo e de Sua Palavra nos ajudará a passar no teste e fazer bem nossa tarefa. Enquanto aceitamos o desafio do Ano da Evangelização Mundial, precisamos investir tempo com Deus, orando e estudando a Bíblia, se realmente queremos alcançar êxito. Ao longo deste ano, necessitamos uma crescente compreensão de que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é um movimento de Deus, trazido à existência a fim de partilhar Sua mensagem ao mundo. Vamos proclamar essa mensagem com poder celestial. Temos crenças distintivas enraizadas na Bíblia, e não devemos comprometê-las com acréscimos ou supressões pessoais. Apresentemos a verdade em toda a sua glória!

O conselho de Ellen White é oportuno: “Em sentido especial foram os adventistas do sétimo dia postos no mundo como atalaias e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer. Sobre eles incide maravilhosa luz da Palavra de Deus. Confiou-se-lhes uma obra da mais solene importância: a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. Nenhuma obra há de tão grande importância. Não devem eles permitir que nenhuma outra coisa lhes absorva a atenção.” – *Eventos Finais*, págs. 45 e 46.

Oremos pelo Ano da Evangelização Mundial e pelos crentes ao redor do mundo. Oremos uns pelos outros, como pastores, humildemente suplicando que o Senhor nos use durante este ano especial, ao partilharmos a bendita esperança do advento. **11**

Além das aparências



“No dia seguinte, quando saíram de Betânia, teve fome. E, vendo de longe uma figueira com folhas, foi ver se nela, porventura, acharia alguma coisa. Aproximando-se dela nada achou senão folhas; porque não era tempo de figos.”

– Marcos 11:12 e 13

A figueira é uma árvore muito apreciada na Palestina, devido aos seus frutos, que são considerados muito saborosos. Essa árvore distingue-se das outras por uma característica especial: nela, primeiramente aparecem os frutos; para, em seguida, revestir-se de uma folhagem com um verde muito vivo.

De acordo com o texto de Marcos, a figueira vista por Jesus apresentava-se coberta de folhas. Esse fato era uma promessa de frutos desenvolvidos, prontos para serem colhidos. Sua aparência, porém, era enganosa. Depois de procurar por todos os ramos, dos mais altos aos mais baixos, o Mestre “nada achou senão folhas”. Era simplesmente uma pretensiosa massa de folhagem. Diante disso, “então, lhe disse Jesus: Nunca jamais coma alguém fruto de ti” (v. 14).

Muitas vezes, somos semelhantes àquela figueira. Esforçamo-nos para ser vistos como “bons cristãos” e membros da igreja, quando tudo o que possuímos são folhas; aparência suntuosa, nada mais.

Precisamos nos despir das folhas da arrogância, do orgulho, da inveja, da indiferença, da falta de comprometimento com a missão que o Senhor nos confiou, da irreverência em relação às coisas sagradas, da negligência em nossa devoção pessoal, do descaso para com o altar da família, da falta de harmonia no lar, do mundanismo; enfim, da nossa mornidão espiritual.

“Os que assim vivem para si, são como a figueira, toda presunção, mas sem frutos. Observam as formas de culto, mas sem arrependimento nem fé. Em profissão, honram a lei divina, mas faltam na obediência. Dizem, mas não fazem. Na sentença proferida contra a figueira, demonstra Cristo quão aborrecível é a Seus olhos essa vã pretensão. Diz Ele que o pecador declarado é menos culpado do que o que professa servir a Deus, mas não produz fruto para a Sua glória.” – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 584.

Como deixar de ser um “cristão-folha” para ser um “cristão-fruto”? A resposta é simples e vem do próprio Cristo: “Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em Mim, e Eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer” (João 15:5).

Noutras palavras, somente através de um correto relacionamento com Cristo podemos produzir bons frutos. Se permitirmos que Ele entre em nossa vida, se O buscarmos através da oração e do estudo da Sua Palavra, Ele retirará as folhas do orgulho, da inveja, da presunção, da ambição malsã, do desejo de supremacia, da falta de amor, e nos encherá com os frutos do Seu Espírito: “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio” (Gál. 5:22 e 23).

O que vê Cristo em nós, hoje: folhas ou frutos? Façamos dEle uma realidade suprema em nossa vida. Mantenhamos comunhão com Ele todos os dias, a fim de que, através do Seu Espírito, Ele possa realizar em nós a transformação que os Céus anseiam contemplar. **M**



Cristina Florêncio

Coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial na Associação Pernambuco, Brasil

Colunas do evangelismo

Três fundamentos indispensáveis ao êxito de nossa pregação



Willmore Eva
Editor de Ministry

Não importa a atividade; se ela merece ser realizada, são sempre valiosos o tempo e a energia investidos para assegurar-nos de que estamos operando de acordo com o que é básico para ela. Se tal avaliação do que é essencial em uma tarefa tem a ver com nosso casamento, nossa saúde, a manutenção do automóvel ou nossa pregação, é indiferente. Sempre é valioso estarmos seguros de que nos conservamos em consonância com o que é fundamental.

O que é básico quando nos referimos ao evangelismo cristão, ao evangelismo adventista do sétimo dia? Quero mencionar três aspectos que me inquietam de modo especial.

Em primeiro lugar, a essência do evangelismo adventista é que ele é clara e distintivamente cristão. Antes e acima de tudo, tem a ver com o próprio Cristo. O definitivo e apaixonado clamor de Paulo é o clamor do evangelho autêntico: “mas nós pregamos a Cristo crucificado...” (I Cor. 1:23). O contexto dessa afirmação é marcadamente valioso. Os judeus pediam sinais e milagres; e os gregos buscavam sabedoria (v. 22). Mas a despeito de nosso conhecimento dessas preferências, pregamos a Cristo crucificado.

Muitas vezes pode ser tentador pregar sobre qualquer outra coisa. Mas é Cristo crucificado o tema da nossa mensagem. Embora a cruz possa parecer escândalo para uns, e loucura para outros (v. 23), devemos pregar a Cristo crucificado. Vamos conservar Cristo crucificado e ressurreto absolutamente firme em nosso coração e nossas

mãos, à medida que O proclamamos em palavras e atos através deste ano especial de evangelismo.

O segundo aspecto básico do evangelismo, no sentido de testemunhar para o mundo inteiro, “em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da Terra” (Atos 1:8), é que ele é um trabalho profundamente espiritual. Ou seja, em última instância, o evangelismo é uma atividade do Espírito Santo.

Esse é um fundamento crucial e que é facilmente desconsiderado no meio da corrida pelos alvos batismais, na alimentação do ego pastoral e na premência que alguém sente ao fazer evangelismo. O fato a ser compreendido é que, de acordo com Atos 1:8, ao nos chamar, Jesus prometeu poder para sermos Suas testemunhas. E nós recebemos esse poder quando o Espírito Santo vem a nós.

Somos tendentes a alimentar o pensamento de que o poder ou a força de nosso testemunho reside no método ou na estratégia evangelística que empregamos. Precisamos desfazer esse mito. Se você observar desapaixonadamente a maneira como fazemos evangelismo, ou o que escrevemos a respeito dele, você acabará concluindo que o emprego desta ou daquela estratégia é mais importante do que a “intangível” capacitação do Espírito Santo.

A obra que fomos chamados a fazer é altamente espiritual. E é absolutamente fundamental que tenhamos isso na mente e no coração, durante este ano especial de evangelismo.

Em terceiro lugar, é básico compreendermos que somos evangelistas adventistas do sétimo dia. Isso significa que nossa proclamação de Cristo e do evangelho, no poder do Espírito Santo, é feita no contexto único das três mensagens angélicas de Apocalipse 14. Os adventistas são especialmente chamados a evangelizar em face da aproximação do *escaton*.

Tendo isso em mente, durante este ano e sempre, como adventistas proclamaremos o “evangelho eterno” (Apoc. 14:6) em “grande voz” (v. 7), “a cada nação, e tribo, e língua, e povo” (v. 6). Isso implica uma proclamação fundamentalmente escatológica no seu âmago. Está inescapavelmente relacionada com a segunda vinda de Jesus, o julgamento final, o fim do mundo e da humanidade pecadora.

A proclamação do evangelho no contexto do juízo final possui uma força especial, um sentido de urgência e efetividade nunca vistos em qualquer outro contexto ou ocasião. Especialmente se os pregadores estiverem cheios do Espírito Santo.

Na medida em que enfrentamos os desafios do Ano da Evangelização Mundial, vamos nos colocar sobre a sólida plataforma desses três fundamentos básicos. Eles não apenas nos outorgam foco evangelístico e energia, mas nos infundem coragem e poder para realizar alguma coisa especial para nosso Senhor, nossas congregações e nossa comunidade. **M**



Peter Prime

Secretário ministerial
associado da
Associação Geral
da IASD

Evangelização Mundial

*Pai, Filho e Espírito Santo
cumprem Seus
respectivos papéis na
redenção do homem.
Mas o sucesso do plano
ainda depende
de outro aspecto*

O quarto fator da equação redentora

Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, foram Um em pensamento, propósito e ação ao executar a criação primária, incluindo a criação da humanidade. A declaração de Deus, a mediação do Filho e a operação do Espírito Santo estavam bem presentes na atividade criadora realizada pela divindade. Semelhantemente, exceto pela adição da cooperação responsiva da humanidade, Pai, Filho e Espírito Santo, estão inextricavelmente envolvidos na consumação do plano de salvação e na colheita redentiva.

Cada fator componente das equações da criação e da redenção é igualmente essencial à integridade e efetividade dessas equações. A primeira equação, a da criação, consiste de fatores exclusivamente divinos, enquanto a segunda equação, da redenção, é formada pela ação divina e a resposta humana.

Os fatores divinos nas duas equações são invariáveis desde que em Deus não existe “variação ou sombra de mudança”. Ao contrário, o fator humano que forma parte da segunda equação é o único elemento variável

nesse traçado. Entretanto, quando a resposta humana é de aceitação ao plano redentor de Deus, os milagres e maravilhas que seguem não são menos espetaculares e conclusivos do que aqueles que acompanham a equação da criação.

A Bíblia fala da criação em termos de declaração divina (“Pois Ele falou, e tudo se fez”, Sal. 33:9), a mediação do Filho (“pelo Filho, ... também fez o Universo”, Heb. 1:2) e a operação do Espírito Santo (“O Espírito de Deus me fez; e o sopro do Todo-poderoso me dá vida”, Jó 33:4). Da mesma forma, na equação da redenção como recriação, a divindade é uma em pensamento e ação.

Primeiro, há a declaração de Deus o Pai: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o Seu descendente” (Gên 3:15); a mediação do Filho: “Este te ferirá a cabeça, e tu Lhe ferirás o calcanhar” (Gên. 3:15) e a operação do Espírito: “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte” (Rom. 8:1 e 2).

Em declaração, mediação e em operação da ação redentiva, a divindade mostra-Se uma, tal como na criação.

Os papéis e funções do Pai, Filho e Espírito Santo compõem os três fatores divinos invariáveis que são comuns às equações da criação e redenção, bem como à redenção e à colheita. Entretanto, o fator humano de cooperação responsiva, que está ausente na primeira, mas presente na segunda, representa o único ponto de dessemelhança entre as duas equações. Diferentemente da primeira equação, na qual a cooperação humana não é um fator, sem o elemento representado pelo fator humano na segunda equação, a redenção seria um exercício de futilidade, e a consumação da colheita seria uma impossibilidade total.

Quando Jesus disse em João 3:16 que “Deus amou ao mundo de tal maneira que Deus o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”, também estava incluindo em Sua declaração a importância do fator humano na redenção. Suas palavras indicam claramente que embora a provisão divina



Werner Biseman

de
vida
eterna esteja
disponível para
todas as pessoas, sua
concretização requer a coo-
peração humana responsiva, no
ato de crer e aceitar. Na equação da
criação, esse fator humano não existe.

Direito de escolha

Ao criar a humanidade, Deus nos legou o direito de responder “sim” ou “não” à Sua Palavra. Esse dom de livre-arbítrio deve ser desenvolvido de modo que sejam exploradas suas riquezas e possibilidades infinitas. Deus colocou no Éden a árvore do conhecimento do bem e do mal, e revelou aos nossos primeiros pais o significado do livre-arbítrio. Mas Adão e Eva deliberadamente escolheram não cooperar responsabilmente com Deus. A escolha foi mais que trágica, e assim vieram as perdas.

Essa queda trágica criou a necessidade de um Salvador. Conseqüentemente, Deus o Filho assumiu voluntariamente o papel de segundo Adão para tornar possível o novo protótipo da família humana. “Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob

a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (Gál. 4:4 e 5).

Como era o protótipo e qual seria o papel a ser cumprido pelo Salvador? Simplesmente através da perfeita obediência do Filho a Deus, envolvendo uma cooperação responsiva sem defeito com Deus, através da capacitação do Espírito Santo. “Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos” (Rom. 5:19). “E a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz” (Filip. 2:8). “Muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a Si mesmo Se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!” (Heb. 9:14).

Cristo, em Sua vida única de ser “obediente até à morte e morte de cruz”, cumpriu todos os requisitos de Seu papel como o protótipo e o Salvador da humanidade. E é Sua própria vida que será reproduzida, pela graça de Deus, na vida de Seus seguidores que são distintos das demais pessoas, por não amarem a própria vida, mas por entregá-la inteiramente ao Senhor.

Desde que o estado de perda experimentado pela humanidade foi precipitado pela irresponsável falta de cooperação com Deus, sua recuperação tornou-se possível pelo Filho de Deus, mas apenas depois de Ele experimentar

em carne humana a perfeita cooperação com Deus. O objetivo de Deus na encarnação e morte do Filho tem tudo a ver com a restauração da humanidade à cooperação harmoniosa com Ele.

Essa é uma verdade fundamental que deve governar a vida e as atividades de colheita de todos os ceifeiros de Deus. Sem uma completa compreensão dessa verdade básica, haverá falhas trágicas nos ceifeiros e na colheita. É essa preeminente verdade que o Ano da Evangelização Mundial busca imprimir no centro do pensamento e da vida da igreja, de modo que Deus possa efetivar por seu intermédio a consumação da colheita com a máxima precisão e no mais curto espaço de tempo. “Porque o Senhor cumprirá a Sua Palavra sobre a Terra, cabalmente e em breve” (Rom. 9:28).

Assim, a igreja nunca deveria esquecer que a consumação da colheita redentiva é, antes de tudo, uma prerrogativa divina. Deus graciosamente nos convida a experimentar a redenção, primeiramente em nós mesmos; depois, colaborar com Ele em partilhá-la para benefício de outros.

Fórmula redentiva

A fórmula fixa através da qual nós mesmos somos colhidos redentivamente, e capacitados para cooperar com Deus na colheita de outros, é a declaração de Deus o Pai, a mediação de Deus o Filho, a operação de Deus Espírito Santo e nossa cooperação res-

ponsiva com Deus. Nessa fórmula, consistente de fatores divinos invariáveis, que são mais que suficientes para colher o mundo inteiro, nosso papel é o único fator variável e frágil. Como tal, ele representa o único dilema para a conclusão da colheita.

Entretanto, não estamos desprovidos de segurança. Em Cristo, nossa variável e frágil cooperação com Deus pode se tornar tão resoluto como foi em Cristo. Quando, pela graça divina, ocorrer esse milagre espiritual, então será construída a equação perfeita, mais que suficiente para evangelizar todo o mundo. As portas do inferno não prevalecerão contra esse modelo de colheita.

Porventura é a busca pelo cumprimento do nosso papel nesse modelo de sucesso evangelístico uma diversificada jornada de novos começos e adaptações, avanços ilusórios, marchas e contramarchas? É um torturante sonho cheio de esperanças enganosas? Pode ser assim, se entendemos nossa cooperação responsiva com Deus como resultado, de sangue, instrumentos, suor e lágrimas humanos, e não um dom da graça de Deus que elimina toda base para orgulho humano.

A capacidade para responder a Deus e Sua Palavra e a cooperação com Ele são dons divinos que o primeiro Adão escolheu repudiar. Mas o segundo Adão, em Sua vida perfeita de cooperação responsiva com o Pai, por Sua morte, ressurreição e mediação, recuperou a raça caída, “porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo” (I Cor. 15:22). “Pois assim está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante” (I Cor. 15:45).

Portanto, o papel e a função que desempenhamos no perfeito modelo de evangelismo são dons de Cristo livremente partilhados conosco. Mas não são apenas dons. São também nosso direito legal, em Cristo, que podemos e devemos reivindicar por Sua graça. “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Heb. 4:16).

Adicionalmente, os dons da graça de Deus em Cristo Jesus têm um significado mais que legal ou teórico. Também possuem uma aplicação altamen-

te prática e significativa a toda vida e experiência humanas. Em outras palavras, os dons da graça vão além das dimensões meramente legais para incluir toda ordem de emoções e disposições humanas – conhecimento, comportamento e atitudes em toda área da vida. Além disso, eles são ope-

ra pela qual Seus propósitos tenham de ser cumpridos. “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em Mim fará também as obras que Eu faço e outras maiores fará, porque Eu vou para junto do Pai” (João 14:12).

Onde reside a irresistível potência e eficácia da resposta cooperativa com

Quando respondemos plenamente à graça de Deus, Ele nos torna instrumentos em Sua colheita

ráveis em todos os tempos e circunstâncias. A graça de Deus é mais que suficiente para toda a humanidade mesmo em sua pior depravação. Na estrutura do estranho espetáculo da graça divina com toda sua benevolência, Deus proveu em Cristo Jesus os meios com os quais nos dota de todos os méritos do Seu Filho unigênito, e isso em substituição à nossa indignidade como pecadores.

Nossa feiura é substituída pela beleza do Seu Filho. Sua alegria duradoura toma o lugar de nossa tristeza. Nossa culpa é substituída por Sua inocência. Sua plenitude enche o nosso vazio, e assim por diante. Nenhuma dessas mudanças da graça ocorre no âmbito apenas legal, mas todas elas estendem-se simultaneamente ao estilo de vida de todos os que continuam, pela graça, a responder cooperativamente ao chamado de Deus.

Condutos do amor de Cristo

Paulo fala de realidades experimentais: “Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade” (Filip. 2:13). “... Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim” (Gál. 2:19 e 20).

Essa passagem aos gálatas é particularmente penetrante. Quando respondemos plenamente à graça de Deus, nossa vida pecaminosa é crucificada com Cristo e somos dotados com uma nova vida que já não nos pertence. Cristo vivendo em nós. Essa experiência nos assegura que Deus nos usará como instrumentos em Seu trabalho de colheita. E não existe outra manei-

ra pela qual Seus propósitos tenham de ser cumpridos. “Nós o amamos porque Ele nos amou primeiro” (I João 4:19).

Mas esse amor possui algo mais do que uma expressão vertical. Sua expressão horizontal não é menos importante que seu aspecto vertical: “Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (João 13:35). A resposta cooperativa com Deus que é vazia de amor é uma caricatura, na melhor das hipóteses; e na pior, uma tragédia terrível. Para todos os propósitos é completamente sem valor.

Evangelização mundial

Espera-se que o Ano da Evangelização Mundial, 2004, seja o mais histórico período para o evangelismo da Igreja Adventista do Sétimo Dia no mundo. E deve servir como um modelo evangelístico para os anos vindouros. A essência desse modelo é: Declaração de Deus Pai, mediação de Deus Filho, operação de Deus Espírito Santo e cooperação da igreja, nos níveis verticais e horizontais.

Declaração—mediação—operação—cooperação. Eis os fatores que constituem a equação divina para a consumação da colheita redentiva.

Os papéis e funções de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo já estão operando. Para completar a equação e o cumprimento da tarefa, tudo o que é necessário é nossa plena cooperação com Deus e uns com os outros.

Capacitados pela operação do Espírito Santo, agarrados à graça mediadora de Jesus Cristo, vamos, como nunca fizemos antes, cooperar com Deus e com nossos irmãos para o êxito do Ano da Evangelização Mundial. **M**



Ron Gladden

Diretor de Crescimento de Igreja na União Norte do Pacífico, Estados Unidos

Atualidade

Caminhos para o êxito na evangelização de grandes centros e áreas resistentes à pregação



Digital Stock

Mudança de paradigmas

Não importa onde você esteja: se em São Paulo ou Buenos Aires, Rio de Janeiro ou Montevideu, Salvador ou Lima, pode ser que esteja vivendo em uma Atenas moderna. As grandes metrópoles e muitos países são surpreendentemente iguais à Atenas dos dias do apóstolo Paulo. Cinismo, confusão e resistência à verdade bíblica marcaram a capital grega naquela época, tal como acontece em grande parte do mundo atual.

Em Atos 17, é-nos dito que Paulo pregou em três cidades: Tessalônica, Beréia e Atenas. Não é difícil imaginar Paulo refletindo posteriormente e, analisando as condições encontradas, concluir que essas cidades não eram nada iguais; na verdade, quase pareciam três planetas diferentes.

Tessalônica: conversões e perseguição

Era manhã de sábado e Paulo entrou numa sinagoga em Tessalônica. Num gesto de audácia, ele proclamou que Jesus era o Cristo. E ocorreram conversões, especialmente entre os gregos. “Os judeus, porém, movidos de

inveja, trazendo consigo alguns homens maus dentre a malandragem, ajuntando a turba, alvoroçaram a cidade e, assaltando a casa de Jasom, procuravam trazê-los [Paulo e Silas] para o meio do povo” (Atos 17:5).

No esforço de salvar-lhes a vida, os crentes protegeram os evangelistas, levando-os para fora da cidade, sob o brilho cintilante das estrelas.

Beréia: conversões sem perseguição interna

Na próxima cidade, as coisas foram diferentes. Beréia era um lugar com facilidades para o trabalho. Paulo pregou, o povo refletiu, examinou a mensagem e muitos foram persuadidos. Lucas registra que “estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim. Com isso, muitos deles creram, mulheres gregas de alta posição e não poucos homens” (Atos 17:11).

Aparentemente foram os judeus que abriram o caminho para a recep-

ção do evangelho, e os bereanos absorveram avidamente a verdade. Depois, a perseguição veio de Tessalônica; não da própria Beréia.

Atenas: poucas conversões

Então havia Atenas – uma lixeira virtual de ídolos. “Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos”, Paulo declarou (Atos 17:22). Na realidade, Atenas era uma cidade muito religiosa. Os adoradores escolhiam o seu deus do mês em um rico cardápio de ídolos. Sua fascinação pelas teorias revelava uma espantosa mistura de inteligência e tolice. E, como resultado disso, poucos receberam o Messias.

Paulo nunca plantou uma igreja em Atenas. Todavia, Ellen White lhe tributa reconhecimento por seus esforços e métodos ali empregados. Ela se refere ao ministério do apóstolo naquela cidade como “a vitória por ele obtida para o cristianismo mesmo no coração do paganismo” (*Atos dos Apóstolos*, pág. 241). Paulo não estava acostumado com esse tipo de vitória, mas ela aconteceu em Atenas.

O mundo atual

As cidades mencionadas em Atos 17 nos ajudam a compreender nosso mundo do século 21. Quando nos referimos à receptividade espiritual, o interesse varia largamente de lugar para lugar, de nação para nação. Mas a natureza e o grau de receptividade em geral correspondem a uma daquelas três cidades.

Alguns países do mundo são como Tessalônica. Nós pregamos o evangelho, as pessoas se convertem, mas surge a perseguição. Países em tais condições são dominados por extremistas religiosos ou comunistas. Nesses lugares, os adventistas e outros cristãos lutam com o dilema de encontrar caminhos para fazer avançar o reino.

Outros países são como Beréia. É prazeroso evangelizar em Beréia. Em tais lugares uma equipe de obreiros lança-se ao trabalho e muitos são convertidos. As leis nacionais apóiam a liberdade para praticar e divulgar a religião. As pessoas estão famintas pela Bíblia e pela verdade.

Veja o caso do Pastor Dave, meu amigo, que recentemente conduziu uma série de colheita em um país de características bereanas. Ele voltou para os Estados Unidos com o rosto brilhando, tal como o de Moisés depois de falar com Deus no Sinai. Com muita vibração, descreveu as experiências vividas. Pregava todas as noites e, da plataforma onde se encontrava, nem podia ver onde a multidão terminava. No último sábado milhares de novos cristãos seguiram o Mestre no batismo. Louvamos a Deus pela maravilhosa operação do Espírito Santo. Evangelizar Beréia é emocionante. Produz esperança. Assegura-nos que Deus ainda está abençoando a igreja.

O Pastor Dave retornou ao seu lugar original de trabalho e aí realizou uma nova série de colheita. O mesmo pregador, a mesma mensagem, o mesmo equipamento, o mesmo Espírito Santo. E batizou onze pessoas. Qual a diferença? Ele vive em Atenas.

Muitos países e regiões do mundo são Atenas. A receptividade espiritual é diferente nesses lugares, especialmente entre a maioria da população, o que não deveria nos surpreender. E aqui vão algumas opções pelas quais podemos agir. Primeiramente, podemos ignorar os atenienses modernos, concluindo que eles não se importam com Deus. Podemos lavar nossas mãos

em fingida preocupação e dizer: “eles sabem onde encontrar as igrejas. Se estiverem interessados, virão.”

Ou, ao contrário disso, podemos resolver que não tememos Atenas. Nossa missão é clara: levar a mensagem de Jesus a todos os lugares, inclusive os mais difíceis, da Terra. Na dependência do Espírito Santo, não retrocederemos. Na verdade, vamos vencer.

Pressuposições básicas

Vamos construir algumas pressuposições:

1. Ganhar almas está no DNA adventista. Nossa abordagem produz claros resultados, mas ainda temos desafios e precisamos encontrar meios pelos quais superá-los.

2. Os modernos atenienses estão espiritualmente polarizados. Embora muitos enveredem pelos caminhos do pós-modernismo e outras orientações filosóficas e religiosas, milhares de todas as idades e antecedentes estão buscando unir-se às igrejas. Nos dois casos todos estão buscando algo melhor.

3. O que funciona em Beréia pode ou não funcionar em Atenas.

4. O que costumava funcionar em Atenas, tempos passados, só será efetivo se ainda for relevante para hoje.

5. Quando a igreja vive o evangelho e comunica a mensagem em formas apropriadas com a época, experimentamos vigoroso reavivamento.

Ampliando limites

Nossos métodos atuais de evangelismo estão bem, mas parece-me que ainda são muito limitados. Quando uma igreja anuncia que está planejando “fazer evangelismo”, todos nós sabemos o que esperar. Aqui estão algumas coisas que nos vêm a mente:

1. Um evento durante cinco ou seis semanas, com quatro reuniões semanais.

2. Um evangelista profissional fará as apresentações. Algumas vezes pessoalmente; outras vezes, via satélite.

3. O evento alterará a vida da congregação. Quando ele terminar, tudo voltará a ser como antes.

4. Gastaremos algum dinheiro produzindo material para convidar pessoas com as quais nunca nos reunimos.

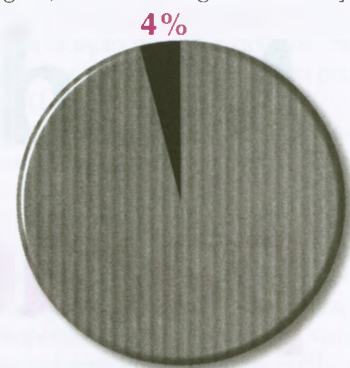
5. Avaliaremos o êxito do empreendimento pelo número de batismos.

6. Certamente o acontecimento

apelará a uma insignificante minoria na comunidade.

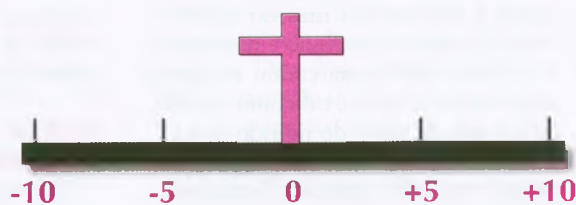
Dois itens contribuem para a retração: o primeiro é o tempo. Algumas pessoas não têm tempo para assistir a um programa, mesmo que trate do seu assunto preferido, quatro noites semanais, durante cinco ou seis semanas. O segundo item está relacionado com a curiosidade das pessoas em relação à Bíblia. De acordo com algumas pesquisas, 4% dos americanos dizem estar interessados em assistir a um seminário para aprender mais sobre a Bíblia e suas profecias.

Se representarmos esses 4% numa figura, teremos a seguinte ilustração:



Enquanto o tempo passa, em lugares iguais a Atenas, encontramos gastando mais dinheiro para atrair uma multidão dessa estreita faixa populacional. E o que dizer dos outros 96%? Conscientemente ou não eles estão buscando a Deus. Como iremos alcançá-los?

Agora consideremos a seguinte escala de evangelismo:



Nesta escala, alguém que, espiritualmente falando, está distante de Deus é -10. Os passos em direção à cruz indicam um interesse crescente até que, junto à cruz, a pessoa escolhe ser um seguidor de Cristo. Os passos à direita da cruz denotam crescimento espiritual com o alvo eventual de se tornar um discípulo devoto de Cristo.

Pensemos sobre os 4% que disseram estar interessados em assistir a um seminário bíblico. O que é verdadeiro a respeito deles, em relação à escala de evangelismo? A maioria crê em verdade ab-

solta e gostaria de aprender mais sobre a Bíblia. Se fôssemos localizá-los na escala, eles estariam muito perto da cruz, num ponto -1 ou -2. Mas quando nosso único evangelismo é o semi-frequente evento, apelamos só às pessoas que estão perto da cruz e inconscientemente excluimos o restante. Desde que elas permanecem longe de nossas reuniões, desenvolvemos a trágica pressuposição de que não estão interessadas em Deus.

A média das pessoas está mais ou menos na vizinhança de -6 na escala. Elas pensam em Deus. No íntimo, sabem que há uma resposta final às suas indagações. Seguramente estão confusas em relação à Bíblia. Pergunte-lhes que palavra lhes vem à mente quando pensam em uma igreja e a resposta será algo entre “maçante” e “deixe-me em paz”. Mas, à sua própria maneira, estão buscando alguma coisa. E nós podemos alcançar muitas delas com o evangelho.

Mudanças

Se já estamos prontos para ampliar nossa definição de evangelismo, temos de começar com quatro mudanças de paradigmas.

O objetivo da comissão evangélica é fazer discípulos. Por anos, periclitávamos confusos a respeito da comissão evangélica. Pensávamos que Jesus disse: “Ide, portanto, e batizai”, quando Ele realmente ordenou: “Ide, portanto, fazei discípulos”. Mas tão raras quanto pinguins nas regiões tropicais são as igrejas que possuem uma trajetória de discipulado para ajudar os novos membros a se tornarem definitivamente discípulos devotados.

Mas quem é exatamente um discípulo? Alguém que tem o caráter e as prioridades de Jesus Cristo. “Em verdade, em verdade vos digo”, falou Jesus, “que aquele que crê em Mim fará também as obras que Eu faço e outras maiores fará, porque Eu vou para junto do Pai.” (João 14:12). As implicações dessas palavras são muito profundas.

O evangelismo tradicional começa com as pessoas que já estão perto da cruz. Através de cinco ou seis semanas de reuniões, o Espírito Santo trabalha em seu coração, levando-as a tomar uma decisão. Os novos conversos ainda nem bem enxugaram a roupa molhada pela água do batismo, quando o evangelista vai embora e inicia o trabalho em outra cidade. E o que é feito do discipulado dos novos crentes? Isso explica o alto nível de apostasia entre pessoas batizadas em uma campanha evangelística.

Evangelismo não é um evento; é um processo. Todo fazendeiro sabe que você colhe em uma diferente estação daquilo que foi semeado. Infelizmente, poucos na liderança da igreja entendem que isso é verdade também no evangelismo.

Ganhar pessoas para Cristo sempre foi um processo. Paulo disse: “Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus” (I Cor. 3:6). “Eu fiz a minha parte”, o apóstolo afirma, “então confio que Deus suscitará Apolos para regar a semente. E estou confiante em que Deus pode dar o crescimento.”

Quando o evangelismo torna-se mais que um evento, milhares encontram salvação. Mas, vamos ser honestos, estamos viciados em resultados imediatos. Com efeito, o evangelista pensa: quem precisa de Apolos? Se eu não conseguir a decisão agora, pode ser que ela nunca seja feita.

O evento a que nós chamamos evangelismo inconscientemente descarta o discipulado como se fosse uma erva daninha no jardim. Quase tudo o mais que não seja esse evangelismo rápido é desprezado como não sendo evangelismo real. Isso nos leva ao terceiro paradigma a ser mudado.

Redefinição de termos. Se o evento de cinco ou seis semanas é básico para nossa definição de evangelismo, o que dizer sobre tudo o mais que é feito pela igreja? Não é evangelismo, pelo menos evangelismo real. E se não é, não tentamos fazer, ou não lhe damos a devida prioridade. Assim, não deveríamos ficar surpresos quando, à parte de séries evangelísticas curtas, os batismos são uma ocorrência rara, forçando-nos a realizar o máximo de campanhas evangelísticas, perpetuando assim nossas lutas.

Tudo o que uma igreja faz pode e deve ter dimensão evangelística. Ao lado disso, creio ser urgente que mudemos nosso vocabulário. Talvez devêssemos deixar de nomear como evangelismo esse evento de cinco ou seis semanas. Ele é uma parte do evangelismo, uma parte vital quando feito como um elemento do processo. Quem sabe poderíamos chamá-lo de “jornada de colheita”, “programa de colheita”, ou qualquer outra identificação contemporânea. Nos anos 50, alguns chamavam esse evangelismo de “campanha de colheita”.

O que fazemos hoje? Tomamos uma série de colheita de seis semanas, a

comprimos para cinco, quatro ou mesmo três semanas. Convidamos estranhos, muitos dos quais nunca ouviram falar de adventismo, e os incenti-

Tudo o que uma igreja faz pode e deve ter dimensão evangelística

vamos para apressar o batismo. Depois, quando eles deixam a igreja, colocamos a mão na cabeça lamentando que a informação transmitida não foi suficiente para firmá-los no terreno da fé.

O segundo termo que poderíamos redefinir é “evangelista”. Se a pessoa que é um pregador itinerante, ou fala de uma cidade distante, via satélite, é um evangelista, o que isso diz dos outros membros da igreja? Não são evangelistas. Nesse caso, parece perfeitamente lógico que não deveriam se preocupar em fazer o trabalho, deixando-o para o profissional.

Talvez devêssemos redefinir esse termo, aplicando-o a todos os que, na igreja, desenvolvem sua maturidade espiritual e seus dons.

A grande comissão não diz: “vinde”, mas “ide”. A mudança desse paradigma é especialmente profunda. Normalmente agimos como se a comissão evangélica fosse dada ao perdido, convidando-o a vir para nossas igrejas. Dessa maneira, criamos eventos tais como programas de saúde, séries de colheita, classes bíblicas, esperando que as pessoas venham a nós.

A sociedade mudou; as pessoas estão envolvidas em outros interesses que dificultam sua frequência às igrejas. E se operarmos meramente no paradigma “vinde”, fracassaremos. Hoje, especialmente, a igreja deve ir. Durante anos referimo-nos ao perdido que procura a verdade como sendo um pesquisador. Essa é uma definição razoável, mas está baseada no conceito de “vir”, ao invés de “ir”. A igreja deve tomar a iniciativa. Deve sair de sua condição de convidativa para se tornar uma igreja que se infiltra. No cumprimento de sua missão, ela deve seguir os passos de Cristo que deixou o Céu e veio buscar e salvar o perdido.

Quando líderes e membros abraçarem essa visão, e organizar a igreja de acordo com ela, começaremos a alcançar os modernos atenienses em um número expressivo. Isso não apenas deveria revolucionar positivamente a igreja, mas fazer vibrar o coração de Deus. ❶

Força concentrada

Trabalho harmonioso é fundamental para o êxito de qualquer empreendimento evangelístico



Alejandro Bullón

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana da IASD

Os adventistas crêem que Daniel 8:14 e Apocalipse 14:6-12 falam de dois importantes eventos – um no Céu e outro na Terra – que aconteceriam no fim dos 2.300 anos da profecia de Dan. 8:14. Essa profecia nos leva a 22/10/1844. O evento no Céu refere-se a uma nova fase no ministério de Cristo como nosso sumo Sacerdote, ou seja, o início do juízo pré-advento. Na Terra, Deus suscitaria um remanescente para proclamar ao mundo o evangelho eterno (Apoc. 14:6-12) com ênfase no juízo final. Esse remanescente é um povo com um propósito. “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo e língua e povo” (v. 6). Frequentemente ignoramos a preposição *para*. Mas é ela que define a razão de nossa existência como o remanescente de Deus nos últimos dias.

Assim, os adventistas apareceram no tempo histórico-profético de 1844 *para* cumprir um propósito específico no plano redentivo de Deus, ou seja, pregar o evangelho eterno, no contexto do julgamento: “dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apoc. 14:7). Pedro compreendeu claramente esse conceito de proclamação: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes dAquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz” (I Ped. 2:9).

Envolvimento total

Deus chama toda a igreja, todos os membros e segmentos, para cumprir Sua missão. “Se os cristãos agissem de comum acordo, avançando como um só homem, sob a direção de um único Poder, para a realização de um só objetivo, eles abalariam o mundo.” – *Serviço Cristão*, pág. 75.

Como pode a igreja mover-se como uma pessoa? Paulo responde: “Porque assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo” (I Cor. 12:12). A igreja somente pode funcionar

como um corpo quando todos os seus membros estiverem unidos na concretização dos objetivos de sua existência.

Vamos aplicar esse princípio aos departamentos e instituições da igreja. Eles existem com dois propósitos: primeiro, um específico, relacionado com a sua função. Segundo, um propósito geral relacionado à missão da igreja. Embora cada departamento e instituição deva desempenhar funções específicas, o cumprimento dessas funções deve estar relacionado com a missão e o objetivo de proclamar o evangelho. Quando tal cooperação governa todas as partes constituintes da igreja, acontece o evangelismo integrado.

Modelo sul-americano

Como funciona o evangelismo na Divisão Sul-Americana? “O segredo de nosso êxito na obra de Deus encontrar-se-á na operação harmoniosa de nosso povo. Tem de haver uma ação concentrada. Todo o membro do corpo de Cristo tem que fazer sua parte na causa de Deus segundo a capacidade que Ele lhe deu. Temos que conjugar esforços contra as dificuldades e obstáculos, ombro a ombro, e unidos pelo coração.” – *Ibidem*.

Com base nisso, aqui está o modelo sul-americano:

Um ano antes da campanha: A Adra lança um projeto de serviço social na cidade escolhida. O departamento de Publicações envia colportores para distribuir literatura com nossa mensagem. O departamento de Mordomia promove semanas oração e reavivamento nas igrejas locais, encorajando os membros a darem tempo, talentos e recursos para Deus.

Oito meses antes da campanha: O departamento de Ministério Pessoal oferece cursos de treinamento e organiza a igreja em pequenos grupos e duplas missionárias. Esses instrutores bíblicos e evangelistas voluntários preparam o terreno para a sementeira e colheita.

Seis meses antes da campanha: O departamento de Saúde conduz cursos dentro de sua área. O setor de Comunicação entra em contato com a mídia local e com autoridades, criando um clima de simpatia na comunidade. O departamento de Jovens Adventistas realiza programações, tais como doação de sangue, entrega de rosas a pacientes nos hospitais, homenagens às mães, etc. O departamento de Educação estabelece classes bíblicas em cada escola para estudantes e pais que não pertencem à igreja.

Três meses antes da campanha: O Ministério da Mulher treina receptionistas e mobiliza as mulheres. Finalmente, o evangelista conduz a campanha. No final, ninguém poderá dizer que o trabalho foi de um só homem. Foi um trabalho harmonioso, porque todos fizeram o que sabiam. Ao mesmo tempo houve uma ação concentrada, porque todos tinham o mesmo alvo. Em outras palavras, o corpo cumpriu seu propósito com a participação de cada membro. **M**



Charles D. Brooks

Secretário de Campo
da Associação Geral
da IASD

Evangelização Mundial

*A maravilha
do Pentecostes
ocorrerá com
maior intensidade
ainda, nos
últimos dias, para
o término da missão*

A fonte do poder

E escrevo isto do meu coração. É uma reflexão do interior da alma. As profecias estão assombrosamente se cumprindo; sinais estão sendo vistos e ouvidos em todos os lugares. Esta é uma época de fatos apocalípticos. E no meio de tudo, o Céu deseja finalizar urgentemente a missão e os negócios do Rei.

Graças a Deus pela nova e vigorosa ênfase que a Igreja dá ao evangelismo e à tarefa de alertar o mundo para o fato de que Jesus logo vem. Estamos orando para que o poder prometido acompanhe tudo o que vamos fazer por Cristo, de modo que as pessoas que sinceramente buscam a verdade sejam salvas antes que seja tarde.

Há confusão religiosa por toda a parte e o inimigo está envolvido nela. A mídia popular está levando erro e falácia aos lares, através de apresentações que fascinam a imaginação e agitam as emoções. Proposições antibíblicas são descritas de tal modo que mentes e corações afastam-se progressivamente da pura e santificadora verdade designada a preparar-nos para o ímpeto e a fúria

dos eventos finais. Essas coisas precedem o aparecimento real do Senhor em glória incomparável.

Jesus breve virá. Ele deseja que Sua igreja congregue todas as pessoas que estejam dispostas a ouvir Sua Palavra, amá-Lo e obedecer-Lhe. Quer que a voz da igreja seja ouvida acima do barulho da falácia e insensatez. Mas a igreja não pode cumprir o desejo do seu Senhor neste momento crítico, sem o especial derramamento do poder prometido que vem no aguaceiro da chuva serôdia.

O inimigo parece ter alcançado certo êxito em seus propósitos, usando engano e falsidade. Homens e mulheres pretendem falar diretamente com os mortos em programas de televisão. Líderes mundiais enfatizam os dogmas religiosos como solução para os males políticos, sociais e morais. Este é um tempo para avançarmos com fé e coragem. Fomos divinamente chamados para conduzir a Cristo todos os que responderem a Seu último apelo. A verdade prevalecerá. A Palavra e a sabedoria de Deus triunfarão gloriosas.

Capacitação e reavivamento

Necessitamos urgentemente de capacitação e reavivamento. “É a ausência do Espírito que torna os ministros do evangelho tão impotentes. Aprendizado, talentos, eloquência, habilidades naturais ou adquiridas podem ser possuídos; mas sem a presença do Espírito de Deus, nenhum coração será tocado, nenhum pecador ganho para Cristo. Por outro lado, se estiverem ligados a Cristo... os mais fracos e ignorantes dos Seus discípulos terão um poder que falará aos corações. ... Não está disponível hoje o Espírito de Deus, em resposta à fervorosa e perseverante oração, para encher os homens com poder para o serviço? Por que então a igreja é tão fraca e sem alento?” – *Testimonies*, vol. 8, págs. 21 e 22.

À medida que a verdade começar a triunfar, muitos dentre nós serão sacudidos, mas as fileiras do exército de Deus não serão reduzidas. Milhares se unirão à família de Deus, enquanto os dissidentes a abandonarão. Devemos compreender que a conversão de pessoas é obra do Espírito Santo. “Não por força nem por poder, mas pelo

Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos” (Zac. 4:6). Não é pela lógica, ou pelo carisma humano, filosofia ou erudição, nem por qualquer outro fator puramente natural.

Certa vez, eu estava participando de um concílio pastoral. Em uma das apresentações, um erudito e fino cavalheiro falava sobre comunicação. Usando a

Devemos apontar para Cristo, denunciar o pecado e convidar o pecador a se render a Deus. Então, deixemos os resultados com Ele.

tese de um antigo filósofo, falou de “ethos” como uma necessidade para estabelecimento de relações, e disse que não poderíamos fazer programações evangelísticas efetivas em poucas semanas, porque, segundo afirmou, é pouco tempo para desenvolver o “ethos”. Depois, alguns pastores quiseram saber minha opinião sobre o assunto e acrescentaram: “Não podemos ganhar conversos em uma só campanha.”

Procurando sinceramente ser ético e elegante, eu disse: Vamos supor que não compreendemos bem nosso orador. Mas devemos entender que a conversão de pessoas não é um encontro de dois seres humanos. Há uma outra Pessoa envolvida. Seu nome é Espírito Santo. Então, referi-me ao eunuco etíope. Um único estudo bíblico foi suficiente para convencer, converter e batizar o homem – em um só encontro. O Espírito Santo cuida do “ethos”, “pathos” e “logos”. Levar pessoas à conversão envolve uma conjunção sobrenatural dos elementos divino e humano. Deus Se responsabiliza pelo êxito.

O tempo da conversão

Noutra ocasião, em uma grande cidade, enquanto anunciávamos o último batismo de uma campanha, uma jovem senhora se aproximou de mim. Estava impecavelmente vestida e revelou-se muito inteligente. Em prantos, pedia para ser batizada. Como eu não a tinha visto antes no auditório, perguntei-lhe se conhecia a doutrina adventista, se tinha parentes ou ami-

gos adventistas, se já havia recebido estudos bíblicos, se entendia o que significava o batismo. A tudo ela respondeu “não”.

Tomei-a à parte, e tentei resumir as 27 crenças fundamentais do adventismo. Ela ouvia tudo cuidadosamente. No final, depois que o povo se foi, e enquanto a equipe esperava pacientemente pelas instruções finais e oração de despedida, ela disse: “Eu ouvi a Palavra de Deus e creio no que ouvi. Quero ser batizada no próximo sábado.” E foi. Décadas depois, essa ex-modelo estava firme e ativa na igreja, transformada pelo Espírito de Deus. Os instrumentos huma-

nos não podem fazer o trabalho sozinho, mas podem ser usados por Deus.

Embora eu tenha ensinado evangelismo a pastores e evangelistas através dos anos, não recomendo que costumariamente realizem batismos rápidos, como o caso dessa jovem. Creio na construção de cada verdade sobre o fundamento que é Cristo, até que toda a mensagem esteja coberta. Mas em meu ministério tenho visto, em muitas ocasiões, milagres iguais a esse. É seguro fazer isso? É, se o Espírito estiver conduzindo. Como podemos saber? Seguramente, o pregador consagrado saberá se uma pessoa está ou não sendo guiada pelo Espírito de Deus.

Quando noites inteiras são passadas em oração, quando ele depende humildemente de Deus e busca apenas a Sua glória; quando a igreja é responsavelmente preparada e corações se deram em preces enquanto a Palavra é explanada, o pregador sabe que o Espírito está Se movendo. As transformações que Ele opera nem sempre podem ser explicadas; desafiam a lógica. Acontecem simplesmente pela graça do Senhor.

A missão do pregador

Nossa tarefa é apontar para Cristo, denunciar o pecado e convidar o pecador a se render à vontade de Deus. Devemos encorajá-lo, mostrando-lhe a cruz e as possibilidades que o ministério de Cristo providencia. Devemos proclamar o favor de Deus e o perdão de Cristo. Falemos

da fé que se apropria da justiça. Ensinemos sobre vitória e santificação, sobre a segura palavra profética e as promessas de Deus. Então, deixemos os resultados com Ele.

Evangelizar é uma tarefa de grande fé em Deus e não na carne. Devemos crer na verdade com todo o nosso coração, pois ninguém pode pregar com poder sobre o que não acredita. Lembremo-nos de que Deus prometeu nos usar. É emocionante saber e crer no que Deus prometeu e vê-Lo cumprir. Ele Se deleita na misericórdia; em buscar e salvar o perdido.

É perigoso tentar fazer Sua obra sem preparo. Ele é amor e bondade; perdoa e capacita; deseja usar-nos. Está esperando para fazê-lo, mas espera que nos preparemos e à igreja, através de um reavivamento pessoal e coletivo. “O refrigério ou poder de Deus só atingirá os que se houverem para ele preparado, fazendo o trabalho que Deus ordena, isto é, purificando-se de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus.” – *Idem*, vol. 1, pág. 619. “A descida do Espírito Santo sobre a igreja é olhada como estando no futuro; é, porém, o privilégio da igreja tê-la agora. Buscai-a, orai por ela, crede nela. Precisamos tê-la, e o Céu espera para concedê-la.” – *Evangelismo*, pág. 701.

Não podemos minimizar a importância do reavivamento e preparo. Como disse alguém, “o sermão que salva o pecador, primeiramente deve ter salvado o pregador”.

Deus chama e capacita

Deus pode usar um Pedro covarde ou um Paulo perseguidor. Pode usar cada um de nós, se nos entregarmos a Ele. Usa pastores e leigos.

Se a igreja aceitar, Deus pode reavivá-la para o evangelismo, ou através do evangelismo. Seu exército de verdadeiros crentes está avançando para a vitória. Ele sacudirá, refinará e purificará Seu povo; e derramará Seu Espírito em copiosas torrentes sobre os que O buscam e estão desejosos de ser totalmente dEle.

A obra será concluída com uma manifestação de poder mais espetacular do que o que aconteceu no Pentecostes. Oremos por isso, trabalhe-mos por isso, e vamos experimentar isso. Então, triunfaremos com o poderoso exército de santos de Deus, por meio do nosso Senhor Jesus Cristo. **M**



Anthony Kent

Secretário ministerial
da Divisão Sul
do Pacífico

Evangelização Mundial

*Eruditos reconhecem
que não há uma
solução fácil
para o desafio
de evangelizar um mundo
complexo. Mas existem
garantias de êxito*



Conselhos aos evangelistas

O crescimento da Igreja Adventista ao redor do mundo é verdadeiramente inspirador. Demonstra o poder do Espírito Santo, a fidelidade dos seus membros e pastores, além da credibilidade de uma mensagem que oferece significado, esperança e propósito. Éramos um povo pequeno, mas crescemos a proporções globais. E antes que sejamos tentados a ser presunçosos, necessitamos considerar alguns fatos.

Muitas outras denominações cristãs crescem mais rapidamente do que a Igreja Adventista. Por exemplo, só em 1998, uma denominação adicionou 18 milhões de pessoas às suas fileiras. Outra, que teve sua origem no início dos anos 1900, tem aproximadamente 400 milhões de adeptos.

Nossas conquistas, por mais expressivas que sejam, não devem nos levar a um relaxamento. Pelo contrário, devemos ver nelas uma oportunidade para maiores realizações. Devemos continuar estudando os “como” e “porquês” do evangelismo, como nunciantes. Este não é tempo para di-

luir ou comprometer nossa mensagem. Fazer isso é negar a Cristo e a natureza bíblica dos nossos ensinamentos e nossa identidade.

Difícil, mas não impossível

Evangelizar sempre foi difícil. Quando Paulo realizava suas jornadas evangelísticas, em muitos lugares, suas conquistas batismais foram modestas. Porém, cada batizando era querido e celebrado. Os autores modernos reconhecem que não há uma solução pré-fabricada e fácil para o desafio do evangelismo. Duvido que haja um lugar na Terra onde os nativos creiam que seja fácil evangelizar seus contemporâneos. Na África, no final de uma campanha na qual foram batizadas 2.495 pessoas, foi dito ao evangelista visitante que aquele era um lugar difícil. Embora satisfeito com o resultado, ele ouviu que se tivesse pregado em outro lugar próximo dali, teria batizado duas vezes mais. Em todo lugar o evangelismo é considerado difícil, mas não impossível.

Em algumas regiões do mundo é possível batizar milhares de pessoas

após uma série evangelística. Em tais casos, usualmente se faz um trabalho preparatório antes da campanha. Os pastores treinam os membros em várias tarefas, como visitação, pequenos grupos, oração intercessória, publicidade, etc. Tudo isso é fundamental para o êxito do evangelismo público. Noutras regiões, onde o materialismo e o secularismo reinam supremos, as taxas de batismos são menores. Mas é importante lembrar que o investimento de esforço em cada batismo é muito grande. Às vezes gasta-se anos trabalhando com um indivíduo – partilhando uma refeição, partilhando recreação, fazendo amizade – enquanto se espera uma oportunidade para estudos bíblicos regulares. Isso envolve um enorme investimento de tempo, energia, interesse e oração para ajudar as pessoas em sua jornada espiritual.

Mesmo nessas regiões difíceis, estamos buscando desenvolver algum tipo de evangelismo, como plantar igrejas, estabelecer pequenos grupos e usar moderna tecnologia no evangelismo público. Mas o real sucesso ocorre

quando um crente, guiado pelo Espírito Santo, põe de lado sua inibição, aplica seus dons e testemunha de Jesus a uma pessoa.

Pressupondo que temos crentes desejosos de evangelizar, a questão que precisa ser respondida é: Como pode o evangelho ser efetivamente semeado em meio a culturas, religiões, visão de mundo e outras orientações diferentes? Gostaria de sugerir algumas soluções.

Seja pastoral

O demônio tem magoado e mutilado muitas vidas. Suas vítimas necessitam de nosso cuidado ministerial. Como Igreja, precisamos evitar ser o “remanescente triunfalista”, que pode dificultar a proclamação da mensagem dos três anjos. Obviamente necessitamos pregar com uma porção de confiança, mas a arrogância intolerante deve ser evitada a todo custo.

O evangelismo pastoral requer um cuidadoso equilíbrio. O pastor necessita mostrar ternura e compaixão ao indivíduo confuso e pesquisador, mas ao mesmo tempo, desafiar sua zona de conforto com a mensagem adventista e a mundivisão bíblica.

Seja corajoso

Evangelizar requer coragem, pois envolve riscos. Ellen White diz: “Tem de haver agora obreiros que avancem tanto na treva como na luz e se mantenham com bravura sob desânimo e esperanças frustradas e, não obstante, ainda trabalhem com fé, com lágrimas e perseverante paciência, semeando junto a todas as águas, confiantes em que o Senhor produzirá os resultados. Deus exige homens de fibra, esperança, fé e perseverança para trabalharem sem rodeios.” – *Evangelismo*, pág. 63.

Em seu livro *Evangelism Made Slightly Less Difficult*, Nicck Pollard diz que as pessoas desenvolvem sua própria visão de mundo primariamente de uma larga variedade de fontes e procuram adaptá-la ao seu estilo de vida. “São atraídas a crer, não porque acreditem ser a verdade, mas porque justifica algum comportamento que consideram particularmente apelante”, diz Pollard.

Essas pessoas necessitam ser desafiadas apropriadamente. O pecado existe e o juízo é uma realidade. Michael Green diz que “muitos agnósticos não são genuínos. Vestem uma capa conveniente para seu egoísmo.

Não é que não possam crer em Deus. Não ousam fazê-lo porque isso seria um grande desafio à sua maneira de viver”. – *Evangelism Through the Local Church*, pág. 127.

Embora se requiera coragem para desafiar as pessoas a uma diferente visão de mundo, a habilidade para ouvir, tato e sensibilidade também são essenciais.

Prioridade número um

A nutrição espiritual é tão importante como a conversão de uma pessoa. Mas será que estamos priorizando devidamente esses dois componentes do crescimento da igreja? Examinemos o orçamento de nossas igrejas e Associações, e a quantidade de pessoal no escritório. Será que refletem positivamente nossa preocupação de nutrir e converter pessoas? Por mais doloroso que seja esse processo, ele necessita ocorrer regularmente, se verdadeiramente queremos cumprir a missão.

Essa avaliação, particularmente em regiões onde a Igreja não cresce muito, suscita outra questão: “é o evangelismo uma prioridade para a Igreja ou não passa de teoria?” Um dos perigos que enfrentamos é a atitude, verificada em algumas partes do mundo desenvolvido, de que o evangelismo é algo fora de moda, praticado por indivíduos que não conhecem outra coisa melhor. Se isso prevalecer, representará o fim do movimento.

Sonhe e experimente

Todo empreendimento de sucesso começa com um sonho, assim como, inicialmente, todos os sonhos e experimentos são criticados.

A Igreja cristã e a Igreja Adventista tomaram algum tempo antes que sonhassem a experiência de enviar missionários a campos e culturas estrangeiros. A tentativa deu certo e continua ainda hoje. Tentar uma experiência é estressante, mas pode se tornar excitante. Estamos no tempo quando nossos jovens sonharão sonhos e nossos jovens terão visões (Joel 2:28).

Mantenha o que funciona

Através dos tempos, temos realizado muitas atividades para disseminar o

evangelho. Algumas delas ainda são efetivas, mas toda atividade precisa ser revisada periodicamente. Embora devamos ser abertos a novas possibilidades, precisamos conservar o que já foi testado e comprovado.

Lembrei-me dessa necessidade ao pensar nos horrores de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos. Ravi Zacharias, um autor prolífico sobre evangelismo e apologética, tentou explorar aquele atentado referindo-se às profecias de Daniel 2 e 8, apelando a seus leitores para buscar segurança na vinda de Cristo. A Igreja Adventista certamente não tem o monopólio daquelas profecias; mas usaríamos negligenciar a relevância delas para hoje?

Embora pareçam lugar-comum para algumas pessoas, sua aplicação relevante e correta continua a ser determinante para levar pessoas a aceitar o evangelho. Em muitas partes do mundo, os seminários proféticos são um recurso valioso nesse sentido.

Capacitação e treinamento

São necessários apropriado treinamento e recursos para equipar os missionários. Não existe nada melhor, em treinamento, do que colocar o aprendiz para trabalhar junto com o instrutor. Aprendemos mais praticando do que ouvindo só a teoria.

Treinamento e recursos são valiosos. Entretanto, uma cega confiança na “última novidade” ou em algum novo equipamento pode dissolver o espírito da capacidade de fazer e finalmente ser contraproducente no trabalho de semeadura.

Lembre-se de que não está só

É muito fácil para o semeador sentir-se só e isolado, ao trabalhar em lu-

“Deus exige homens de fibra, esperança, fé e perseverança para trabalharem sem rodeios.”

gares com valores e visão que lhe são diferentes. Mas esse não precisa ser o caso, se o evangelista abraça a comunidade de crentes e a envolve no trabalho como seus parceiros. **M**



Dnurgabo

Adly Campos

Evangelista voluntária,
presidente da
Sociedade Internacional
Para o Bem-estar
da Família, com sede
nos Estados Unidos

Evangelização Mundial

*Dentre os
membros da igreja,
72% são mulheres
dispostas
a ajudar no
cumprimento
da tarefa missionária*

Há lugar para elas



Eric Kohler

Em viagens feitas a diferentes partes do mundo, fiz uma descoberta: há sérias preocupações quanto ao papel da mulher na igreja, particularmente no que tange à missão evangelística. Tais inquietações são partilhadas não apenas por membros e pastores, mas também por administradores.

Lembro-me de uma ocasião em que, no fim de uma série de palestras, mais de 60 pessoas atenderam ao meu apelo para o batismo, mas os anciãos e o pastor decidiram deixar a cerimônia para mais tarde, quando um evangelista homem daria continuidade às reuniões.

Mas é gratificante observar que, atualmente, alguns líderes em todos os níveis trabalham para corrigir essa indisposição contra a participação integral das mulheres na vida da igreja. Na verdade, muitos departamentos estão buscando maneiras de integrar mais diretamente a mulher no cumprimento da missão. Esse é um passo na direção certa. As mulheres podem dar uma contribuição significativa na disseminação do evangelho.

Mulheres na Bíblia

O Antigo Testamento fala de muitas mulheres que dedicaram seu tempo, vocação e serviço à causa de Deus, estabelecendo um exemplo para as mulheres dos nossos dias. Na verdade, as Escrituras reconhecem que em Cristo homens e mulheres são iguais (Gál. 3:28). Através da História, homens e mulheres têm contribuído muito para o progresso da Obra. Consideremos alguns exemplos bíblicos.

Débora, a profetiza, guiou Israel através de batalhas decisivas e julgou sabiamente o povo de Deus, resultando em 40 anos de paz e liberdade da opressão canaanita (Juí. 4:4-7). Hulda, uma mensageira de Deus, levou a palavra do Senhor a Josias (II Reis 22:14-20). Isabel, mãe de João Batista, ficou cheia do Espírito Santo e anunciou a Maria que a criança que esta carregava no ventre seria o Salvador do mundo (Luc. 1:39-45). Ana, outra profetisa, viu sua fidelidade e devoção a Deus recompensadas quando ela contemplou a criança que seria o Redentor (Luc. 2:36-38).

O ministério terrestre de Jesus foi apoiado também por algumas mulheres

que O seguiram e serviram ativamente (Luc. 8:1-3). Na manhã da ressurreição, foi a Maria Madalena que Ele apareceu primeiro. Deus lhe deu o privilégio de anunciar a maravilha da ressurreição aos discípulos (João 20:11-18). Então houve Dorcas que desenvolveu um espírito de compaixão profundamente envolvida com a proclamação do evangelho. Entre os companheiros ministeriais de Paulo estavam incluídas muitas mulheres, algumas das quais são mencionadas em Romanos 16. O evangelista Filipe tinha quatro filhas que profetizavam, apoiando a missão da nascente igreja (Atos 21:8 e 9).

Na Igreja Adventista

Durante os primeiros anos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, as mulheres desempenharam um papel significativo. Deus escolheu uma jovem para inspirar, aconselhar e guiar o movimento recém-nascido. Durante seus 70 anos de ministério, ela exerceu grande influência em questões de fé, adoração, evangelismo, administração, saúde, família, educação, e muitos outros aspectos do crescimento da igreja. É impor-

tante notar que, mesmo entre questionadores do papel e autoridade femininos na igreja, a influência de Ellen White ainda é muito forte.

Raquel Oaks, batista do sétimo dia, nos deu a doutrina da observância do sábado. Quando visitei o Piemonte, a terra dos valdenses, aprendi sobre Catherine Revel, uma das primeiras adventistas do sétimo dia na Europa. Sozinha em sua crença por quase 20 anos, ela permaneceu fiel e testemunhou de sua fé entre os vizinhos. Como resultado desse trabalho, a igreja de Torre Pellice foi organizada em 1885. Uma das primeiras pessoas a motivar os leigos a se envolverem na missão da igreja foi Maria L. Huntley. Ela cria firmemente na necessidade de treinar pessoas, incluindo mulheres, para a disseminação do evangelho em toda parte.

Em nossos dias, a participação das mulheres no evangelismo pessoal e público têm aumentado de um modo maravilhoso. Em 1975, Betty Holbrook e seu esposo, Delmar, foram eleitos diretores do Ministério da Família na Associação Geral. Eles formavam uma equipe ministerial que inspirou muitos obreiros. Marie Spangler e Ellen Bresee começaram, em 1984, um plano piloto para a Afam internacional, viajando com seus respectivos esposos e ministrando às famílias pastorais ao redor do mundo.

Em 1990, a Associação Geral indicou Rose Otis para ser a primeira dire-

tora do Ministério da Mulher, a fim de treinar e orientar as mulheres adventistas de todo o mundo em diferentes ministérios, incluindo evangelismo pessoal e público.

A mulher no evangelismo

Jesus deu a grande comissão a todos os Seus seguidores, entre os quais estão as mulheres (Mat. 28:19 e 20). A compreensão de Pedro a respeito da proclamação do evangelho era tanto profética como universal: “E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do Meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os Meus servos e sobre as Minhas servas derramarei do Meu Espírito naqueles dias, e profetizarão” (Atos 2:17 e 18).

Atualmente as mulheres representam 72% dos membros da igreja. Estão esperando apenas ser desafiadas e treinadas para tornarem-se parceiras no cumprimento da tarefa missionária. Os pastores com visão sabem como valorizar as mulheres em suas congregações e como lhes dar oportunidades para desenvolver seus talentos como professoras de crianças e jovens, diretoras de música, diretoras do Ministério Pessoal, e líderes em outras áreas de serviço. Mulheres treinadas e motivadas para testemunhar podem alcançar outras mulheres em seus lares, onde um evangelista homem às vezes não pode entrar.

Talvez, ainda não compreendemos a grande necessidade de educar os membros de algumas igrejas a verem com naturalidade as mulheres participando ativamente nos cultos. A presença de mulheres na plataforma de culto é um testemunho de nossa apreciação por elas. Sua colaboração e participação deveriam ser bem aceitas e reconhecidas. O melhor

ensino que podemos oferecer aos nossos irmãos é nosso exemplo na prática daquilo que cremos, como líderes. Louvo a Deus pelos pastores que têm uma atitude cristã em relação às mulheres.


O parecer de Ellen White

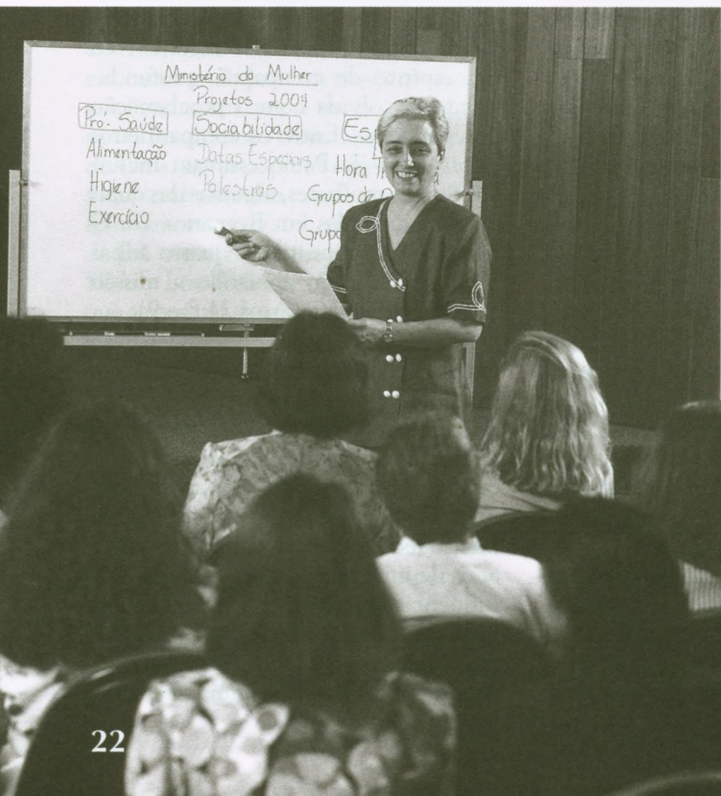
Embora vivendo entre os séculos 19 e 20, Ellen White estava à frente do seu tempo quando falou sobre a participação das mulheres na pregação do evangelho. Diz ela:

“O Senhor tem uma obra para as mulheres da mesma maneira que para os homens. Elas podem ocupar seus lugares em Sua obra nesta crise, e Ele atuará por meio delas. Uma vez que se possuam do senso do dever, e trabalhem sob a influência do Espírito Santo, terão a posse de si mesmas que este tempo requer. O Salvador fará refletir a luz de Seu rosto sobre essas abnegadas mulheres, e dar-lhes-á poder que ultrapassa ao dos homens. Elas podem fazer nas famílias uma obra que os homens não podem fazer, obra que alcança a vida íntima. Podem chegar bem perto do coração daqueles que estão além do alcance dos homens. Seu trabalho é necessário.” – *Evangelismo*, págs. 464 e 465.

É isso que tem guiado o meu compromisso com a missão. Tive o privilégio de nascer em um lar cristão e vi meu pai fazer evangelismo. Em muitas ocasiões ajudei-o como cantora, durante as reuniões. Posteriormente, na universidade, dediquei meus talentos ao louvor de Deus. Também tenho a alegria de ser esposa de pastor e colaborar com meu esposo cantando em suas campanhas evangelísticas.

Deus me permitiu trabalhar com evangelistas internacionais conhecidos, aprendendo com eles muitas formas de apresentar o evangelho e conduzir pessoas aos pés de Jesus. Mas foi somente em 1990, quando fui convidada a dirigir uma semana de oração para jovens em Nova York, que senti-me chamada para o evangelismo público. Em 1995, renunciei ao meu trabalho na Associação Geral, para dedicar-me inteiramente a essa tarefa.

Deus me mostrou, de uma forma pessoal, que as mulheres não precisam ter seus talentos sepultados. Elas têm um papel a desempenhar na vida da igreja, e o Senhor está desejoso de usá-las em Sua colheita. O Espírito Santo capacitará cada uma que, à semelhança de Isaías, responder: “Eis-me aqui, envia-me.” 



William de Menezes



John McVay

Ph.D., deão do Seminário Teológico Adventista da Universidade Andrews, Estados Unidos

Devocional

*Nossa primeira
tarefa não é ter êxito.
Nosso primeiro
e mais importante
dever é
reconhecer a
soberania divina*

A tentação do pregador

Tenho um problema de soberania. Pela manhã, reflito sobre a Palavra de Deus, onde vejo claramente que Ele é o Senhor de todas as coisas. Confesso Sua soberania e ajoelho-me, entregando-Lhe todo o meu domínio, se é que realmente tenho algum.

Entretanto, no transcorrer do dia, começo a recuperar território. Talvez um lote aqui, outro ali, vou me apropriando de maiores porções do que Lhe entreguei, sem barulho ou revolução. Em silenciosas incursões, vou entrando na esfera da soberania de Deus. Essas pequenas movimentações podem, de fato, levar a outras maiores – assaltar a cidade de Deus e plantar a inflamada bandeira dos meus próprios critérios onde devem ser vistas apenas as insígnias do Rei.

A isso eu chamo de tentação do pregador.

Pecado de omissão

Em Atos 12:19-24, Herodes (Agripa I) também tem um problema de soberania. E não é que as tribos bárbaras estejam tentando invadir seus limites sulinos, nem que os romanos estejam ameaçando depreciar sua autoridade. Ele tem o mesmo tipo de problema de soberania que você e eu enfrentamos

como pastores. Devido a que ele ostenta o título de rei (ou, em nosso caso, pastor, líder, ancião, presidente, departamental, teólogo, diretor, gerente, etc.), ele pensa que realmente é o rei.

Herodes tivera uma disputa com os habitantes de Tiro e Sidom, que agora se reuniram e pediram uma audiência com ele. Tendo assegurado o apoio de Blasto, o camarista real, eles propuseram a conciliação porque dependiam do país do rei para seu suprimento de alimentação.

Os famintos cidadãos de Tiro e Sidom estavam cansados de sua constante rixa com Herodes. Assim, através de Blasto, foi arranjado um encontro de conciliação. Mas, como eles sabiam o tipo de homem que Herodes era, ainda estavam desconfiados.

No dia marcado, a sessão de conciliação tem início: “Em dia designado, Herodes, vestido de trajo real, assentado no trono, dirigiu-lhes a palavra” (v. 21). O discurso de Herodes (sermão, se você desejar) recebeu intenso louvor. A delegação de Tiro e Sidom explode em vibração: “É voz de um deus, e não de homem” (v. 22). Herodes não rejeita a afirmação e a resposta divina é tão devastadora quanto instantânea: “No mesmo instante, um anjo do Senhor o feriu, por

ele não haver dado glória a Deus; e, comido de vermes, expirou” (v. 23).

Parece curioso que Herodes tenha sido abatido como resultado de um pecado de omissão, ao não dar glória a Deus. E alguém até poderia argumentar que o castigo veio, não por causa do seu próprio pecado, mas pelo pecado de outros, ou seja, as pessoas de Tiro e Sidom que lhe ofereceram um louvor blasfemo. Herodes já havia cometido muitos pecados por comissão. Não assassinava ele desnecessariamente as pessoas? Não cometia abuso de poder e autoridade para maltratar seus subalternos? Mesmo no contexto que estamos considerando, não representa um pecado sua atitude de querer matar à míngua (pelo menos ameaçar fazê-lo) os habitantes de Tiro e Sidom?

Por que esse pecado de omissão – o pecado de não dar glória a Deus – é tão chocante? Afinal, de uma perspectiva humana, pode parecer um crime sem vítima.

Outros exemplos

Um fato que ajuda a compreender a questão é notar que no livro de Atos há outros exemplos de pessoas que foram castigadas por não darem o devido reco-

nhecimento a Deus. Ananias e Safira morreram por terem mentido não “aos homens, mas a Deus” (Atos 5:4) e tentarem o Espírito do Senhor (Atos 5:9). Herodes compartilha de uma falha comum a esses dois que também foram abatidos: ele deixa Deus fora do quadro. Sua muda resposta poderia ser apropriada somente se não houvesse Deus no Céu.

Semelhantemente, a história de Simão, o mágico, em Atos 8:9-25, precede o relato da morte de Herodes. “Ao qual todos davam ouvidos, do menor ao maior, dizendo: Este homem é o poder de Deus, chamado o Grande Poder” (v. 10). O próprio Simão parecia ser contra esse pensamento, pois foi batizado, aceitando as boas-novas do “reino de Deus e do nome de Jesus Cristo” (v. 12). Entretanto, Pedro pronunciou um juízo sobre ele (“o teu dinheiro seja contigo para perdição” – v. 20), quando tentou comprar o Espírito Santo, uma tentativa que mostra ânsia de louvor blasfemo (vs. 20-23).

Tal como a história de Ananias e Safira e a de Simão, o mágico, a morte de Herodes ilustra o erro de se falhar em dar Deus o que Lhe é devido. Se alguém observar cuidadosamente os temas do livro de Atos, poderá argumentar que Lucas, seu escritor, vê este como o pior dos pecados.

O contraste

Se houve aqueles que se comportaram à semelhança de Herodes, também existiram os que agiram de modo diferente: os verdadeiros seguidores de Cristo. Em Atos 4, Pedro e João foram presos e levados diante do Concílio, depois de haverem curado um coxo. Após serem libertados, eles foram aos

maquinações humanas, a comunidade cristã vê a soberania de Deus. Na verdade, aquelas autoridades somente fizeram “o que Tua mão e Teu propósito predeterminaram” (v. 28). E concluíram a oração pedindo a intervenção de Deus enquanto buscavam levar avante a história de Cristo Jesus. “Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus” (Atos 4:31).

Uma outra história, provavelmente usada por Lucas para contrastar a história da morte de Herodes, nos ajuda a compreender e aplicar a estranha narrativa. Em Listra, Paulo curou um coxo e os cidadãos reagiram dizendo: “Os deuses, em forma de homens, baixaram até nós” (Atos 14:11). Crendo que eles experimentaram uma teofania (onde deuses parecem seres humanos), as pessoas rejeitaram a oportunidade de conhecer a encarnação (onde Deus Se fez homem). Identificaram Barnabé como Júpiter e Paulo como Mercúrio, porque este era “o principal portador da palavra” (v. 12). Um serviço de culto completo, com sacrifícios de touros, foi rapidamente programado pelo sacerdote de Júpiter.

Não é preciso muita imaginação para sentirmos a tentação que Paulo e Barnabé experimentaram: aceitar aquela crença errônea e aquele imerecido galardão; tudo para assegurar facilidade na disseminação do evangelho. Mas eles não caíram em tal armadilha.

Os paralelos com a história da morte de Herodes são claros. Moradores de uma cidade reagiram de modo blasfemo a meros seres humanos e incluíram louvores ao orador, em seu falso

Resistindo, com toda a força que puderam, ao culto que desejavam lhes prestar, os apóstolos apresentaram a mensagem da soberania de Deus: “... vos anunciamos o evangelho para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a Terra, o mar e tudo o que há neles; o qual, nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos”(vs. 15 e 16).

Lições oportunas

O êxito na missão e na vida do pastor está fundamentado no reconhecimento da soberania de Deus. Atrás de toda força política vemos a mão de Deus. Trabalhando para a missão através dos nossos insignificantes esforços, inconseqüentes em si mesmos, traçamos as efetivas ações de Deus. Ele é soberano. O que, do ponto de vista humano, parece ser fracasso, pode ser reconfigurado para Deus como um retumbante sucesso. Depois de tudo, nossa primeira tarefa não é ter êxito. Nosso primeiro e mais importante dever é glorificar a Deus e reconhecer Sua soberania.

O contrastante resultado de reconhecer a soberania de Deus, ao invés de ignorá-la, é tornado explícito na conclusão da história da morte de Herodes: “Entretanto, a palavra do Senhor crescia e se multiplicava” (Atos 12:24). Herodes morreu porque ignorou a soberania de Deus. A comunidade cristã prosperou porque a reconheceu.

Em muitas igrejas os pastores vivem num trono como o de Herodes. O problema da soberania é a grande tentação que eles enfrentam. A congregação os lisonjeia à porta do templo: “Que belo sermão, Herodes! Essa não foi uma mensagem meramente humana, mas divina!” Que dizer se o pastor escolhe não responder, anexando a si um território que pertence ao Rei dos reis?

Embora eu não acredite que Lucas tenha incluído em seu relato a história de Herodes só para imprimir temor aos pastores, um problema de soberania como o de Herodes pode ser fatal. Nós os pregadores, que experimentamos aplauso por nossas palavras, semana após semana, temos a especial necessidade de ceder o domínio de tudo o que somos, temos e fazemos ao soberano Senhor. À semelhança dos primeiros cristãos, devemos orar e viver sob a influência e o significado das sagradas palavras: “Tu, Soberano Senhor...”

Nossa grande necessidade é ceder ao soberano Senhor o domínio de tudo o que somos, temos e fazemos.

seus irmãos cristãos e lhes relataram o que aconteceu. Uma reunião de oração teve lugar.

“Tu, soberano Senhor”, eles oraram, “que fizeste o céu, a Terra, o mar e tudo o que neles há” (Atos 4:24). A oração relata como gentios, reis, governantes, Herodes Antipas, Pôncio Pilatos e outros buscaram exercer sua própria soberania executando Jesus. Mas além das

culto. A resposta de Paulo e Barnabé não podia ser mais diferente da que teve Herodes. Enquanto Herodes aceitou o blasfemo louvor dos cidadãos de Tiro e Sidom, Paulo e Barnabé assinalaram sua consternação rasgando suas vestes e correndo para a multidão enquanto gritavam: “Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós” (v. 15).



Borge Shantz

Ph.D., professor jubilado, reside na Dinamarca

Evangelização Mundial

Veja como Deus pode usar as igrejas que crescem mais lentamente, em termos numéricos, para cumprir Sua missão



Dynamic Graphics

Crescimento em duas vias

O movimento de crescimento de igreja alcançou o mundo ocidental no início dos anos 70, tendo como patrocinadores Donald McGavran e o Seminário Teológico Fuller, de Pasadena, Califórnia. Nesse movimento, os estudos da teologia bíblica, da história e missão da igreja cristã, das ciências sociais e políticas, da estrutura eclesiástica e das estatísticas são integrados e se tornam uma base para os princípios de crescimento aplicados aos campos missionários e às igrejas ocidentais. Essa abordagem tem resultado em bênçãos, mas também oferece subsídios para reflexões.

Quando iniciei meus estudos na Escola de Missões Mundiais do Seminário Fuller, fui advertido pelo deão a não ficar muito envolvido no extremo pragmatismo do movimento de crescimento de igreja. Ele sabia que havia aspectos na evangelização do mundo que eram explicados unicamente na base da lógica e ciência humanas. E também tinha em mente o jogo dos números, através dos quais as estatísticas tornavam-se uma numerologia eclesiástica como um fim em si mesma. Com o passar do tempo, e meu envolvimento no ensino e prática do

evangelismo, não raro tenho concordado com aquelas advertências.

Um quadro pessimista

A edição de *Ministry*, dezembro/2002, apresentou algumas análises e pesquisas relacionadas ao atual estado das igrejas ocidentais. George Barna foi citado como alguém que em vários livros e artigos (entre 1993 e 2001) expôs suas conclusões. Foi mencionado que 80% dos evangélicos, incluindo igrejas adventistas do sétimo dia americanas, haviam estagnado e estavam terminando uma vida de aproximadamente 70 anos. Os membros foram descritos como uma “comunidade de santos” vivendo em “clubes de campo”, onde eram “mimados” e se sentiam “confortáveis”.

Que efeito a publicação de um quadro tão pessimista causa em pastores que já têm sobre os ombros uma pesada carga, e que gastam tempo e energia conservando o rebanho? Porventura não é esse um quadro muito unilateral? Estamos nós mergulhando na profundidade dos aspectos pragmáticos do crescimento de igreja? É tal informação animadora para os pastores que foram chamados a trabalhar em lugares áridos, onde a evangeli-

zação é uma batalha titânica? Gostaria de sugerir que existem outros aspectos a serem considerados quando avaliamos a situação que as igrejas ocidentais estão enfrentando atualmente.

Filhos da igreja

Na Europa (minha terra), temos igrejas cristãs de várias tradições que podem relatar uma expectativa de vida ativa mais de dez vezes superior a 70 anos, e isso a despeito da crescente secularização da Europa ocidental. A existência ininterrupta dessas igrejas, através de tantas gerações, tem muitas explicações: espiritual, social, cultural, econômica e até política. Mas a principal razão é que os pais, em cada geração, ensinaram e instilaram em seus filhos o conceito de que a fé cristã, sua presença e apoio na comunidade são significativos para a vida pessoal.

Nosso anseio por igrejas cheias e dinâmicas poderia ser satisfeito se fôssemos capazes de conduzir e conservar nossos filhos na fé. Alcançaríamos mais êxito nesse aspecto se pudéssemos ter três gerações de adventistas enchendo os bancos em muitas igrejas. Os que nasceram na igreja deveriam ser capazes de levar a tocha.

Referindo-se a Deuteronômio 6:21, Ellen White aconselha: “Aqui estão princípios que não devemos considerar com indiferença. Aqueles que receberam a verdade e sentiram sua importância, e têm uma experiência com as coisas de Deus, devem ensinar doutrina a

No trabalho de converter corações, Deus é o único verdadeiro autor do crescimento da igreja.

seus filhos. Eles devem estar familiarizados com os pilares de nossa fé, as razões pelas quais são adventistas do sétimo dia – por que fomos chamados, como os filhos de Israel, para ser um povo particular, uma nação santa, separada e distinta dos outros povos na face da Terra. Essas coisas devem ser explicadas às crianças em linguagem simples, fácil de ser compreendida; e enquanto eles crescem com o passar dos anos, as lições compartilhadas deveriam ser acomodadas à sua crescente capacidade, até que os fundamentos da verdade tenham se enraizado profundamente.” – *Testimonies*, vol. 5, pág. 331.

Princípios de crescimento e adventismo

Mas nosso chamado profético e nossa comissão original não foram, na realidade, apenas para conduzir nossos filhos a um relacionamento significativo com Cristo. Nem mesmo estão limitados a encher as igrejas com pessoas que são cristãs felizes, embora isso deva nos proporcionar um senso de realização e certamente é uma das principais ênfases do movimento de crescimento de igrejas.

Nosso chamado divino implica advertir o mundo a respeito da breve volta de Jesus Cristo e proclamar a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14. Isso realmente significa que não deveríamos ter como único alvo encher os bancos da igreja através de qualquer método popular. A principal atração deveria ser a mensagem adventista.

O conselho de Ellen White, anteriormente citado, também destaca esse chamado especial à igreja. Nossa missão é convidar pessoas a se unirem a uma comunidade de crentes, “distinta de todos os povos na face da Ter-

ra”, arauto das verdades bíblicas; não apenas agregar pessoas às igrejas. É convidá-las a unir-se conosco na restauração da verdade.

Talvez aqui haja a noção de que os princípios de crescimento de igreja, valiosos como são, deveriam ser adaptados e revestidos de acordo com o papel da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nosso alvo primeiro não é apenas crescer em número, em que pese a importância desse aspecto. Mas, estamos aqui para chamar pessoas que estão buscando a verdade para os últimos dias. E temos de aceitar o fato de que, em algumas regiões, elas nem sempre são muitas.

Trabalho na retaguarda

Alguns analistas dizem que 80% das igrejas evangélicas ocidentais estagnaram e perderam o senso de missão. E esses 80% de crentes querem ser mimados em vez de envolver-se na busca de perdidos. São cristãos confortáveis reunidos em uma “comunidade de santos”, em igrejas que mais se parecem com clubes de campo. É justo aplicar tal avaliação às igrejas adventistas? Talvez haja alguma verdade nisso; mas não se daria o caso de que o Senhor da missão esteja trabalhando em duas vias?

Uma dessas vias poderia ser as atividades da linha de frente, onde cristãos adventistas estão proclamando a mensagem dos três anjos em muitas partes do mundo; algumas vezes sob circunstâncias difíceis, mas sempre com bons resultados. Nessa via está um crescente número de obreiros nacionais e missionários que, apesar dos perigos, vão a lugares maduros para a colheita.

A outra via pode ser representada pelo trabalho feito na retaguarda. Aqui, os crentes são especialmente chamados para, entre outras coisas, apoiar a linha de frente na ação de abrir fronteiras. Nesse caso, os que são considerados cristãos do “clube de campo” têm um papel importante a desempenhar na história da salvação. Eles podem não viver onde é fácil ganhar almas, mas geralmente são pessoas economicamente favorecidas, bem educadas, em boa posição social, e participam com somas consideráveis de ofertas e dízimos para o tesouro do Senhor. Tal contribuição cria uma base na qual podem ser implementadas estratégias financeiras sólidas

em benefício da missão, em áreas financeiramente desfavorecidas.

Outra contribuição importante dessa segunda via é o suprimento de recursos humanos. Uma vasta maioria de administradores, missionários, professores, teólogos, pastores e evangelistas no movimento adventista mundial representa a segunda, terceira, quarta ou quinta geração de adventistas. Geralmente esses indivíduos são oriundos daquele grupo que é nomeado “comunidade de santos mimados”.

Assim, embora suas igrejas não encontrem facilidades para crescimento numérico massivo, realizam um significativo trabalho de segunda via, suprindo recursos para os campos de colheita. Elas mantêm a roda girando. Obreiros das duas vias complementam-se e buscam o crescimento do corpo como um todo. Os dois grupos têm um lugar importante no plano missionário do Senhor.

Dificuldades para o crescimento

Há outras importantes questões a serem consideradas quando avaliamos as igrejas ocidentais de uma forma meramente negativa. A conversão de pessoas e o crescimento de igreja são algumas vezes legitimamente vistos como resultado de fatores como os assim chamados “quatro Ms”: ministros carismáticos, membros ativos, métodos atrativos e mensagens convincentes. Mas existem muitas igrejas ativas, com excelentes pastores, que utilizam todos os métodos e idéias, fervorosos membros que estão evangelizando constantemente, investem generosamente na evangelização, e que ainda colhem poucos resultados. Vamos considerar algumas razões para isso.

1. *A condição do público.* O fator mais significativo que leva uma pessoa a Cristo e à igreja nem sempre é, pelo menos inicialmente, a abordagem doutrinária. Há pessoas ansiosas por Deus, saudosas do Seu reino. São pecadores buscando perdão e aceitação. Frequentemente sofrem com sentimentos de rejeição, depressão e insegurança. Têm todo tipo de necessidade: física, psicológica, social e espiritual, e vivem num estado de conflito no âmbito pessoal e em suas comunidades. No âmago das coisas, elas não são induzidas por nenhuma atividade da igreja, mas precisam, antes de tudo, sentirem-se aceitas, afirmadas e valorizadas como seres humanos.

Geralmente as pessoas nas abastadas sociedades ocidentais não experimen-

tam extrema dificuldade como seus semelhantes de outras sociedades. Os lugares onde as pessoas estão se voltando aos milhares para Cristo são países carentes de muitas coisas. Os relatórios mais impressionantes de conversões vêm do chamado mundo em desenvolvimento. Um pastor numa sociedade abastada não pode mudar a situação e, portanto, não precisa se sentir culpado ou levar muito a sério as críticas que lhe são direcionadas muitas vezes.

2. *Saturação evangélica.* Por ocasião de Sua ascensão, Jesus esboçou a sequência da missão futura: "... e serei Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da Terra" (Atos 1:8). E prometeu aos apóstolos o poder do Espírito Santo para que pudessem testemunhar. Primeiramente, Ele mencionou Jerusalém, então a Judéia, e depois Samaria e os "confins da Terra". Notemos que a Galiléia não está incluída na visão exterior de Jesus. Foi aí que Ele cresceu e realizou a maior parte do Seu ministério terrestre. Geograficamente falando, se Samaria é mencionada, seguramente a Galiléia também deveria estar incluída.

Seria o fato de que Jesus e Seus discípulos tinham evangelizado a Galiléia e suas fronteiras a razão pela qual essa província foi omitida? Eles gastaram a maior parte do tempo ali. Dos 33 milagres relatados, 25 foram realizados na Galiléia; e 19 de Suas 32 parábolas foram contadas a galileus. Nos dias de Cristo, a Galiléia tinha uma população pequena, numa área de aproximadamente 21 mil quilômetros quadrados. Talvez poderíamos concluir que após a ascensão já não havia muito a fazer na Galiléia. Chegara o tempo de ir ao mundo além daquela província.

Igualmente hoje, uma área ou cidade pode estar evangelizada ao ponto de saturação; de modo que a certa altura poucas pessoas aceitarão o convite do evangelho. Em tais casos, o trabalho intenso pode ser um desperdício de energia e dinheiro.

3. *Outros fatores.* Três ocorrências do Novo Testamento nos ajudam a compreender os tempos difíceis que as igrejas da segunda via enfrentam, quando o assunto é crescimento.

Primeiramente, a Bíblia fala (Mat. 10:14; Luc. 10:11; Atos 13:51) de casos nos quais as pessoas rejeitaram a mensagem e até perseguiram o mensageiro. A orientação bíblica em tais si-

tuações é que o mensageiro não deveria gastar tempo com essas pessoas, e fazer o que Jesus ensinou: sacudir o pó dos sapatos e ir para outra região.

Em segundo lugar, houve uma ocasião em que Paulo foi impedido pelo Espírito Santo de pregar em certas áreas (Atos 16:6-10). O apóstolo seguiu viagem para Macedônia, onde os primeiros conversos europeus foram batizados. Há regiões que durante certo tempo não estão maduras para o evangelho. O mensageiro é aconselhado a ir para o próximo lugar.

Finalmente, há a advertência para a igreja de Éfeso, no sentido de que ela perdera seu primeiro amor e teria seu candeeiro removido (Apoc. 2:4 e 5). O candeeiro é um apropriado símbolo da proclamação do evangelho, resultante em crescimento. Pode haver igrejas que não estejam espiritualmente prontas para receber novos conversos. Nesse caso, a tarefa primária é evangelizar a igreja morna local.

Essas três situações revelam obstáculos ao crescimento da igreja, e podem surgir de dentro ou de fora dela. O candeeiro é móvel. Dois mil anos de História têm mostrado que ele mudou da Ásia ocidental para o norte da África e ao sudeste europeu. Durante a Reforma, Deus moveu o candeeiro para os países do nordeste da Europa e daí para a América do Norte. Hoje parece que ele brilha na América latina. Os missiólogos predizem que em 50 anos a África será o mais forte continente cristão.

Na experiência adventista, o fenômeno da mudança de candeeiro também é observado. Nosso movimento era apenas norte-americano 150 anos atrás. Há cem anos, atingiu a Europa, Austrália e sul da África. O candeeiro agora está se movendo por quase "toda nação, tribo, língua e povo".

Sugestões

Não perca a coragem, pastor. Não alimente sentimentos de autopiedade nem seja frouxo em suas atividades e iniciativas. Enfrente seus desafios. Você tem um chamado importante e tremendas responsabilidades. Pode ser que tenha de mudar prioridades. Então atente para estas sugestões:

1. Prepare e desperte suas igrejas para a ação do Espírito Santo, que é o único

capaz de tornar a igreja efetiva em sua missão. Chegará o dia em que o candeeiro será removido de sua área. Esteja pronto para isso, lutando para encontrar uma forma de aquecer o ferro frio.

2. Conduza programas inspiradores na igreja e seja diligente na visitação aos lares. Isso alegra e fortalece os membros. Faça-os compreender que o crescimento e progresso dos campos missionários têm a participação deles, através de sua fidelidade nos dízimos e ofertas, orações e envio de pessoal aos lugares onde as coisas estão acontecendo.

3. Torne significativas as atividades adaptadas às crianças na igreja. Mas não dê a idéia de que elas são tão separadas dos membros adultos. Embora os programas para as crianças devam ser diferentes, é preciso deixar claro que elas são membros do corpo. É vitalmente importante que o culto seja uma ocasião semanal onde toda a família de Deus esteja reunida, cantando os mesmos hinos, ouvindo o mesmo sermão. Na preparação de jovens para o batismo, enfatize a unicidade da mensagem adventista, centralizando-a em Jesus Cristo.

4. Ao planejar e fazer evangelismo, em qualquer nível e independente do método a ser utilizado, lembre-se de que há pessoas na vizinhança de qualquer igreja que experimentam conflitos. Elas são alcançáveis. Estude o seu distrito para descobrir onde estão os problemas e quais são os assuntos pertinentes. Então organize programas que satisfaçam as necessidades do povo.

Igrejas que têm dificuldade para crescer realizam um grande trabalho, suprimindo recursos para os campos de colheita.

5. Preste muita atenção na literatura sobre crescimento de igreja. Leia tudo, mas retenha apenas o que é bom. Acima de tudo, não se deixe abater pelas estatísticas numéricas que se mostrem mais expressivas que as suas. Tenha sempre em mente que, no trabalho de converter corações, Deus é o único verdadeiro autor do crescimento da igreja. "Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus" (I Cor. 3:6). **M**



Larry Yeagley

Pastor jubilado,
reside em Charlotte,
Michigan,
Estados Unidos

Evangelização Mundial

O pastor nunca deve estabelecer limites para cuidar de membros enfermos e famílias enlutadas. Afinal, isso também contribui para o avanço da missão

Pastoreando ovelhas feridas

Qualquer pastor que alimente a ilusão de imortalidade, ao cuidar de uma pessoa seriamente enferma, acabará frustrado. É vital que consideremos a inevitabilidade da morte; senão a pessoa poderá receber poucas visitas, já que o contato com um paciente terminal pode criar ansiedade no pastor. Alguns pastores, com pouca informação sobre a morte evitam envolver os paroquianos em conversação sobre sua doença e o respectivo prognóstico. Esse pastor não pode preencher adequadamente as necessidades dos pacientes críticos.

Os familiares de um doente terminal enfrentam a perda de uma pessoa, mas o doente enfrenta a perda de toda a família, dos amigos, relacionamentos, posição na comunidade e posses. Surpreendentemente, a pessoa enferma costuma se adaptar às perdas antes que a família faça o mesmo com sua perda.

A assistência pastoral pode funcionar como um preventivo à dor. Ela é o diferencial entre a consciência da diminuição da saúde e as perdas decorrentes. Prevenção à dor é adaptar-se à perda de coisas tais como poder alimentar-se e banhar-se sozinho, dirigir

um carro, contatar amigos, ir à igreja ou ao trabalho. O paciente terminal pode enfrentar a morte com maior conforto, quando o pastor se faz presente para ouvir e compreender as fortes emoções que sente.

Comunicação

Em geral os familiares evitam falar sobre prognósticos sombrios e morte iminente. Mas o doente quer e precisa comunicar-se. Um pastor que tem confiado questões de doença e morte com um paroquiano não raro é solicitado para facilitar a comunicação familiar.

Certo fazendeiro do Texas silenciou ao visitar sua esposa num hospital. Ela queria falar sobre a metástase do câncer que a vitimara, mas não sabia como começar. Com a permissão dela, convidei o marido para sentar-se à cabeceira da cama. E disse a ele: "João, Raquel recebeu más notícias hoje e quer falar com você sobre isso. Deixarei vocês conversando a sós; mas, se necessitarem ajuda, estarei aí fora."

Depois eles me agradeceram por eu ter aberto a porta para um diálogo longamente desejado, mas que não sabiam como iniciar.

Lealdade

Sempre falo aos meus irmãos que estarei com eles nos tempos bons e maus. Eles podem chorar, gritar, silenciar, mas serei seu amigo, independente do que acontecer. E cumpro a promessa.

Expressões de dúvida, culpa, ira, desespero, suposto abandono por Deus, são comuns em quem enfrenta a morte. O doente não precisa de repreensão ou admoestação, mas de um pastor que simplesmente o aceite. Como disse um paciente de um hospital psiquiátrico: "O que precisamos acima de tudo é de alguém que nos aceite como somos, pelo que somos, de modo que possamos nos tornar mais do que somos."

Tenho ouvido dezenas de cancerosos dizerem coisas negativas sobre Deus, mas não os repreendo. Minha presença amiga e assídua é reveladora da amigável e assídua presença de Deus com eles. Alguns acabam me dizendo: "não posso crer que você continua me visitando depois das coisas horríveis que eu disse contra Deus."

Propósito

A doença frequentemente cessa o envolvimento com uma vocação que dá

significado e propósito à vida de uma pessoa. Família, amigos e igreja, algumas vezes, vêem o doente como um incapaz. Não há razão pela qual alguns doentes não possam fazer alguma coisa na cama de um hospital ou em casa. O pastor pode manter esse doente em dia com a vida da igreja, pedindo-lhe conselhos sobre assuntos importantes.

Já aconteceu de eu visitar doentes a fim de encorajá-los, e receber deles maior encorajamento. A situação em que se encontravam possibilitou-lhes experiência para transmitir-me conselhos espirituais e segurança.

Compreensão

Certa vez perguntei à diretora de um hospital psiquiátrico de Londres o que ela pensava ser o maior desejo de um paciente terminal. Ela já havia feito a mesma pergunta a um paciente e obteve a seguinte resposta: "Uma pessoa que esteja pelo menos tentando nos compreender."

Um pastor não pode saber como um doente se sente, a menos que possa respirar com os pulmões dessa pessoa ou ver com os seus olhos. Simplesmente dizer: "eu compreendo como você se sente", não faz muito sentido nem é confortante.

Protegendo familiares

A esposa de Ricardo lutou contra o câncer durante anos, mas agora ela estava em um leito de hospital vivendo a última semana de sua vida. Numa visita do esposo, ela demonstrou muita força e disposição para aceitar a situação. Mas à noite, antes de morrer, ela chamou sua enfermeira predileta e pediu que a abraçasse. Nos braços da enfermeira, ela chorou e disse que não queria morrer. Extravasou sua mais profunda angústia em palavras que não podia partilhar com Ricardo.

O pastor pode esperar ouvir um desabafo emocional dos seus irmãos enfermos; expressões que não são ditas aos familiares, por amor a eles e para não aumentar a angústia que já sentem.

Inventário pessoal

Tão logo uma pessoa sabe que tem uma doença incurável, geralmente faz uma revisão da própria vida. Ter um senso do passado ajuda a clarear o presente. Esse processo inclui tristeza, amor, alegria, gratidão, sentimento de realização e, algumas vezes, conscientização das falhas. O pastor deve encorajar o paciente a contar sua história,

ajudando-o a resumir suas contribuições positivas e conquistadas.

Certa vez gastei mais de uma hora ouvindo uma idosa irmã contando a história de sua vida. Quando ela acabou de falar, abraçou-me e disse: "O que você e eu fizemos juntos aqui foi uma oração."

Solidão

Muitos doentes terminais se sentem solitários, carentes de um toque. A solidão inclui lágrimas nostálgicas pela vida que tiveram. Isso envolve o conhecimento de que tudo o que a vida lhes deu será perdido. É uma solidão exacerbada pela conscientização de que poucas pessoas escolhem investir tempo com eles.

O toque humano é como uma massagem suave em uma pessoa cujo senso de personalidade foi destruído. Elimina a distância entre as pessoas. Uma enfermeira ensinou-me a não temer apertar a mão ou abraçar um doente. Seus pacientes me disseram que ela os fazia sentir-se parte de sua família. E eles procuravam isso em seus visitantes. O paciente terminal precisa de um pastor que não tema tocá-lo e afugentar sua solidão.

Anos atrás uma amiga minha foi internada para tratamento de tuberculose. Tão logo fui informado, visitei-a. Aproximei-me da cabeceira da cama, tomei suas mãos e a cumprimentei calorosamente. Ela então derramou-se em lágrimas de alegria, misturadas com um pouco de mágoa. Alegria por-



que já não se sentia intocável. Mágoa porque, ao visitá-la, seu pastor não se aproximou da cama; não a tocou uma única vez. Depois de uma rápida leitura bíblica e uma oração, desapareceu pela porta, limpando as mãos e os braços. Ela se sentiu péssima.

Comunhão com Deus

A capacidade para relacionar-se com Deus continua até que a consciência de uma pessoa cessa. Por essa razão o trabalho do pastor deve ser intensificado à medida que a morte se aproxima. Na medida do possível, o doente necessita apoiar-se na assistência aos serviços religiosos. Providenciar-lhe gravações dos programas da igreja é uma boa idéia. Qualquer tipo de envolvimento com a comunidade da fé previne ou ajuda a superar a depressão experimentada pelo paciente. Saber que Deus está ao seu lado é real impulso no ânimo.

Todo doente é fortalecido quando familiares e amigos estão perto. Mas o pastor deve assegurar-se de que o paciente tenha tempo adequado para meditação pessoal. É preciso haver equilíbrio entre momentos a sós e recebimento de visitas.

Muitos pacientes têm-me solicitado orações. Nunca me esquecerei de um senhor que falou-me, depois de eu haver orado com ele: "Sinto uma paz que nunca senti antes. Deus e eu agora estamos bem." Ali, pude sentir que alcançara o pináculo do meu pastorado.

Cuidado profissional

Todo pastor deveria procurar envolver-se com hospitais e médicos de sua localidade, para facilitar o trabalho com irmãos enfermos. Um hospital que se preza fará todo o possível para que um doente terminal se sinta em casa e morra com dignidade, com menos estresse para a família. Terá quartos confortáveis e facilitará o contato dos familiares, prevenindo assim o sentimento de abandono, além da melhor assistência médica e espiritual.

Quando minha sogra estava doente, o pessoal do hospital andou milhas extras para atendê-la e aos familiares. No seu último dia de vida, a enfermeira ministrou-lhe todos os cuidados normais e continuou realizando seu trabalho com outros pacientes. Depois ela voltou justamente quando minha sogra estava morrendo. Calmamente nos confortou e cuidou de tudo o mais, inclusive fez todos os contatos telefônicos que preci-

sávamos fazer. Sempre lhe seremos gratos pelas atitudes dela e dos médicos.

Algumas vezes o paciente e seus familiares, por alguma razão, não podem comunicar com os médicos. O pastor então, devidamente autorizado pela família, pode ser o porta-voz de suas preocupações. Posso dizer que tenho encontrado médicos bastante agradecidos por minha intervenção, ao lembrar-lhes alguma necessidade a ser satisfeita, e que eles, em sua humanidade, acabaram esquecendo.

Assistência à família

Negligenciar a família de um enfermo pode fechar as portas ao pastor, criando ressentimentos que terão de ser removidos. Ministar ao doente é também ministrar aos seus familiares. Eles sentem a carga aliviada quando seu ente querido está recebendo cuidado espiritual. A unidade familiar é o foco do cuidado, quer o visitante seja um médico ou um pastor.

Familiares que cuidam de um doente não raro são privados de descanso e sono, restando-lhes pouca energia para as atividades diárias. O pastor pode organizar os outros membros da igreja a fim de prestarem assistência prática em coisas como cortar grama, lavar louças, varrer a casa, fazer compras e cumprir outros compromissos. Sempre tive a impressão de que esse é o tipo de ministério que Jesus desenvolvia.

Necessidade de negar

Ao trabalhar com as famílias, aprendi que a negação é uma atitude frequente durante a doença de uma pessoa. Quando a enfermidade é prolongada, ouvimos algo como: "Ele vencerá este câncer. Veja quantos obstáculos já superou. Ele é um lutador." A negação pode ser uma forma legítima de aliviar tristeza. Ela pode colocar a realidade à distância, até que a família tenha ou perceba que tem apoio. Mas as pessoas não assumirão essa atitude de negação permanentemente. O pastor sábio ouve com paciência e diz consigo mesmo: "Isso também passará." Tal paciência provê oportunidades para ajudar o doente a caminhar através da realidade.

Há muitas razões para a negação. Pode ser um desejo de proteger o enfermo do desespero, ou proteger-se do sofrimento, medo de admitir a morte iminente, mostrar otimismo diante do paciente, e assim por diante. Cada razão serve a um propósito e a um tempo determinado.

Cooperação com médicos

Quando eu era capelão de um hospital, convidei os pastores de alguns pacientes para ouvir dos médicos a descrição de cada caso. Eles receberam informações valiosas que os ajudaram a trabalhar com o paciente e seus familiares. Em geral, os médicos gostam de contar com a participação dos pastores no cuidado paciente-família.

Recentemente, um ancião de minha igreja estava morrendo na UTI de um hospital. A equipe médica reuniu-se com os familiares muitas vezes, mas a família não compreendia a seriedade do problema. A enfermeira-chefe pediu-me para ajudar conversando com a família. Transmisti as informações em termos leigos e assegurei àqueles irmãos que os médicos não estavam sendo irrazoáveis. A família tornou-se mais realística em suas expectativas e o estresse dos médicos foi reduzido. A experiência provou que médicos dão boas-vindas à ajuda pastoral sempre que o pastor fique dentro de sua área.

Cuidado das crianças

Algumas vezes as crianças são negligenciadas quando os membros adultos de uma família requerem atenção. É fácil pensar que elas se adaptam bem porque não sofrem muitas perdas. Um garoto de sete anos certa vez me visitou depois da morte de seu pai. Falou sobre o pai por uns cinco minutos e logo entrou em outros assuntos. Mas eu o acompanhei durante meses. Quando ele já era um adolescente, mudei-me para um outro lugar. E enquanto o caminhão carregava a mudança, ele chegou para agradecer-me a ajuda recebida por ocasião da morte do seu pai. Fiquei impressionado como um pequeno gesto de atenção pode fazer uma grande diferença.

As crianças normalmente se adaptam às perdas de uma forma diferente daquela como o fazem os adultos, e sua mágoa pode durar mais tempo. Isso causa certa preocupação aos pais. Se for observada qualquer anormalidade na reação de uma criança à perda, os pais devem buscar imediatamente ajuda especializada em saúde mental. O pastor deve estar familiarizado com a tristeza da criança.

Pequenas coisas

A visitação aos lares pode não ser tão frequente como um pastor gostaria, mas um curto telefonema para saber como está a família ajuda muito. Um buquê

enviado ao paciente é um bálsamo. Cartões postais e telefonemas dos irmãos da igreja produzem encorajamento.

Quando nossa família experimentou um momento de perda, um vizinho telefonou dizendo que não nos preocupássemos com o jantar. Depois veio com sua família, trazendo a comida. Prepararam a mesa, os alimentos, comemos juntos e os visitantes ainda lavaram os pratos e arrumaram a cozinha. Que bênção!

Há outras maneiras de ajudar. Quando for ao supermercado, telefone à família entristecida e pergunte o que você pode trazer de lá para ela. Um pão integral ou uma torta feitos por sua esposa também podem acalantar um coração magoado. Se Jesus estivesse aqui, estou certo de que Ele faria coisas como essas.

O paciente terminal pode enfrentar a morte com maior conforto, quando o pastor está presente.

Os últimos arranjos

Quando o pastor ganha confiança e abertura, a família até começa a falar sobre preparativos para o funeral. De certa forma, isso é um alívio, pois evita a correria de última hora. A medida que o pastor se envolve com a família e o paciente, pode captar fatos interessantes que provêm excelente material para um esboço biográfico no funeral. Tenho assistido a funerais onde essa biografia parece ter sido escrita pelo departamento de estatísticas de alguma empresa. O envolvimento com o paciente e sua família deveria ser uma mina de preciosas memórias que podem ser incluídas em um tributo. Os valores e a fé do falecido deveriam ser a base para a exaltação de Deus em um funeral. E isso pode acontecer, se o pastor for uma presença real entre a família enlutada.

O funeral é tempo para provisão de conforto e esperança à família e aos amigos. Não é ocasião para evangelizar, muito menos para realçar doutrinas particulares de uma denominação. Ajudei certa vez um jovem pastor na condução de um funeral. Li a Bíblia e apresentei uma biografia do falecido, escrita por um membro da família. O pastor pregou num tom de voz tão forte como se esti-

vesse falando a milhares de pessoas. O conteúdo foi o que eu esperaria de um evangelista tentando converter pessoas para sua igreja. Olhei a audiência contorcendo-se e a família embaraçada e cabisbaixa. Posteriormente descobri que ele não tinha experiência no cuidado de igrejas. Até então, só havia trabalhado com um evangelista itinerante.

Espaço para dúvidas

Não é raro que familiares de um doente terminal fiquem irados com Deus. Eles vêem um ente querido morrendo, e consideram isso injusto. Oram pedindo a cura, mas os prognósticos somente pioraram. Algumas vezes uma igreja inteira jejuava e ora, mas a morte simplesmente acontece. Certa família convidou toda a igreja para ir a um hospital orar por uma filha que estava às portas da morte. Todos os irmãos foram; encheram um quarto reservado aos familiares da moça, e se espalharam pelos corredores. O pastor insistia em ocupar também

a UTI onde a jovem se encontrava, o que estava proibido pelos médicos.

Um dia depois, a moça de 18 anos morreu. A fé dos seus familiares foi abalada e eles deixaram o hospital exaustos, emocionalmente esgotados e desiludidos espiritualmente. Em tais casos, o que um pastor deve fazer? Ouvir, ouvir e ouvir. A ira manifestada contra Deus é um grito de desespero que não pede respostas do pastor, mas apenas requer uma silenciosa compreensão do seu quase irresistível sofrimento.

Por razões pessoais, sei perfeitamente do que estou falando. Fui internado em um hospital com um diagnóstico de linfoma, que posteriormente se mostrou negativo, e fui tomado por uma estanha mistura de ira e perplexidade. O capelão veio ao meu quarto e falou, falou e falou, mas eu continuei me sentindo incompreendido e miserável. Chamei uma enfermeira que veio, sentou-se à cabeceira da minha cama, tomou minha mão e pediu que eu falasse tudo o que estava em meu coração. Ela não condenou meus sentimentos, nem sermoneou. Simplesmente ouviu, compreendeu minha ira e meu sofrimento. Isso era o que eu precisava.

Sempre me lembrarei da jovem senhora que recebera um diagnóstico de leucemia. Ela me dizia enfaticamente que não tinha a doença, embora estivesse ao

mesmo tempo confusa e irada. Falei-lhe que me alegraria com ela se realmente o diagnóstico estivesse errado. Mas, caso contrário, eu estaria presente para tentar sentir um pouco da sua dor. Passaram-se dois dias e voltei ao seu quarto. Abraçando-me, ela disse que o diagnóstico fora confirmado e estava esperando a minha visita para que pudesse desabafar. E desabafou, entre lágrimas e risos, entre expressões de ira e, finalmente, de pacífica entrega à vontade de Deus. Havia muitas questões e dúvidas em sua mente, mas ela me disse que não esperava respostas. E agradeceu por minha presença e minha boa vontade em ouvi-la.

Chorando, ela disse: "Pastor, Jesus está mais interessado em me alcançar do que eu estive interessada em buscá-Lo. Estou programando minha cabeça para aceitar o que vier, porque sei que Ele tem reservado para mim algo melhor do que este velho mundo." Essa atitude confirmou o que eu já tinha aprendido com dezenas de famílias diante da morte de um ente querido. Permanecer calmo em meio aos sentimentos de ira, dúvida, temor e confusão. Deixe o Espírito de Deus falar. Deixe-O imprimir Suas respostas nos corações. Atue como o Seu subpastor.

Assistência contínua

Um pastor nunca deveria estabelecer limites para o cuidado pastoral a famílias enlutadas. Mais de um ano após a ocorrência da morte ainda existe a tendência para temporários lampejos de sofrimento. Isso acontece porque nem todos os elos de lembrança relacionada à pessoa que se foi serão apagados em um ano. Um cântico, um lugar, um evento especial, datas e outras pequenas coisas ou situações sempre trarão à lembrança o ente querido, renovando o pesar. Quando isso acontece, a família precisa saber que seu pastor está pronto e acessível para ajudá-la. Se a família enlutada raramente ou nunca vê o pastor depois do funeral, ele não deveria surpreender-se com a ausência dela na igreja, ou até com sua transferência para outra congregação.

Com a forte ênfase que atualmente se dá ao crescimento de igreja, não é difícil passar-se por alto as ovelhas feridas do rebanho. Mas os pastores necessitam considerar que o crescimento da igreja não é assunto simplesmente relativo a números. Também envolve o crescimento emocional e espiritual das pessoas que já foram batizadas. **M**



Santa convocação

Sete mil pessoas participam do festival de louvor e gratidão da UCB

Zinaldo A. Santos

Enviado especial

Nos dias 17 a 19 de outubro, foi realizado um Festival de Louvor e Gratidão, promovido pela União Central-Brasileira, na Estância Árvore da Vida, no município de Sumaré, SP. Foi “uma santa convocação”, no dizer do Pastor Tercio Sarli, presidente da UCB, lembrando os encontros do povo israelita no passado e explicando o objetivo do congresso: “Louvar a Deus pelas pessoas convertidas através do trabalho de nossos pastores, colportores, nossas instituições, e de cada membro.”

Coordenado pelo Pastor Edson Rosa, diretor de Ministério Pessoal da

UCB, o evento teve aproximadamente sete mil pessoas durante o sábado. Entre expressões de louvor e gratidão, os participantes também receberam as primeiras instruções para envolvimento nas atividades do Ano da Evangelização Mundial – 2004. Nesse sentido, mensagens espirituais e seminários evangelísticos foram conduzidos pelos Pastores Joel Sarli (da Associação Geral), Henry Feyerabend (evangelista no Canadá) e Ricardo Norton (professor na Universidade Andrews), Dra. Valéria Meira (da Clínica Lagoa Bonita) e Professor Valdeci Lima (do Unasp).

Os sermões apresentados pelos Pastores Feyerabend e Joel Sarli enfatizaram a necessidade de se manter viva a esperança e buscar o preparo para a volta de Cristo.

O festival

A programação teve início na sexta-feira à noite. Durante o sábado, representantes de todos os Campos relataram suas conquistas e apresentaram metas de trabalho para o futuro. Pequenos grupos, duplas missionárias, oração intercessória, evangelismo público, trabalho pessoal, classes bíblicas e distribuição de literatura são métodos utilizados com êxito no cumprimento da missão no território da União Central.

Uma encenação apresentada por jovens da Associação Paulista Sul lembrou o fato de Tiago White ter organizado a primeira Escola Sabatina Regular em Rochester, no ano de 1853. Na época em que havia cerca de mil adventistas no Estado de Nova York, White preparou uma série de 19 lições que apareceram no periódico chamado *Youth's Instructor*. Estima-se que hoje 20 milhões de pessoas utilizem as lições da Escola Sabatina em todo o mundo.

A música esteve a cargo de vários grupos como o quarteto e coral *Ministry*, ambos formados por pastores da Associação Paulista Leste, Grupo Reluz Júnior, do Mato Grosso, Coral Universitário, e Grupo Novo Tom, do Unasp.

A festa terminou ao meio-dia de domingo. E os missionários voltaram aos seus Campos inspirados e determinados a fazer de 2004 um ano marcante. No momento, existem 9.500 pequenos grupos, 16 mil duplas missionárias, quase três mil pregadores voluntários treinados e 65 mil pessoas estudando a Bíblia. No território da UCB. **M**

UCB promove concílio com palestrantes de alto nível

Para motivar e reciclar os seus pastores e capelães, a UCB realizou, nos dias 20 a 23 de outubro, um Concílio Ministerial na Estância Árvore da Vida, em Sumaré, SP, reunindo 504 pastores. O tema do evento, que ocorreu logo a seguir ao Festival de Louvor e Gratidão, foi “O Pastor e a Cultura Pós-Moderna”.

Segundo o Pastor Mário Valente, que coordenou os trabalhos, o objetivo do concílio foi “dar uma base teológica e espiritual mais sólida aos pastores, em virtude dos problemas que eles enfrentam no seu dia-a-dia”.

Para tanto, foi selecionado um grupo de palestrantes e professores de larga experiência e capacidade, agindo no Brasil e no exterior. O Pastor Henry Feyerabend, orador do programa “Está Escrito” no Canadá, inspirou os participantes com os seus devocionais nos quais salientou a providência divina em seu ministério. O Pastor Joel Sarli, por muitos anos secretário ministerial associado da Associação Geral, proferiu palestras sobre evangelismo. O Dr. Ricardo Norton, professor na Universidade Andrews, falou sobre crescimento de igreja e liderança. Kleber Gonçalves, doutorando da Andrews, discorreu sobre as características da pós-modernidade.

Vários professores de Teologia das duas sedes brasileiras, como Alberto Timm e Ozeas Moura, abordaram temas bíblicos de interesse atual. O Dr. Timm focalizou o problema da Igreja Adventista diante da globalização. Para ele, o mundo testemunhou duas grandes globalizações: uma antes da primeira vinda de Cristo, com o domínio do Império Romano, e outra agora. Expôs também como a doutrina da Trindade se desenvolveu na Igreja Adventista, destacando sua base bíblica.

O tema da pós-modernidade foi escolhido porque o contexto cultural do mundo afeta a missão da Igreja. Segundo Kleber Gonçalves, o pós-modernismo é um movimento de reação ao modernismo, que por sua vez teve origem no Iluminismo e cria que a razão e a ciência poderiam solucionar os grandes dilemas do ser humano. A mentalidade pós-moderna valoriza os sentimentos e a intuição.

Alberto Timm esclarece que “o grande problema que o pós-modernismo apresenta para o cristianismo é a ruptura com os valores absolutos”, ou seja, o que interessa não é o que a Bíblia diz, e sim a interpretação do leitor.

Na avaliação de vários pastores presentes, o concílio serviu como atualização teológica e preparo para os desafios atuais. Ao encerrar o evento, o Pastor Tercio Sarli, presidente da UCB, expressou a confiança de que o concílio tenha um impacto positivo na vida e no ministério de cada pastor. – Rubem Scheffel e Marcos De Benedicto

Dr. Norton, da Universidade Andrews: seminários sobre crescimento de igreja



Público atento, na Estância Árvore da Vida

Pentecostes moderno

Nos caminhos dos incas, a “caravana do poder”, liderada pelo Pastor Bullón, revela novo método de evangelismo



Batismo às margens do Lago Titicaca

Márcio Dias Guarda

Enviado especial

Entre os dias 14 e 20 de setembro, a Missão do Lago Titicaca, no sul do Peru, realizou a última fase do projeto “Caravana do Poder”, que teve como objetivo levar o Pastor Alejandro Bullón a pregar em três ou quatro cidades diferentes a cada dia e batizar pessoas que estavam sendo preparadas através dos vários programas de semeadura e crescimento espiritual desenvolvidos nos meses anteriores.

Como num pentecostes moderno, ao final da campanha, mais 10.534 pessoas tinham sido batizadas. Em todo o ano de 2002 o mesmo Campo batizou 9.024 pessoas.

A pregação do Pastor Bullón foi ouvida em 17 localidades, desde Desaguadero, na fronteira com a Bolívia, até Crucero, na parte mais elevada do altiplano, a 4.200 metros de altitude, onde o prefeito decretou feriado e metade da população de dez mil habitantes foi ao estádio para receber a “Caravana do Poder”.

Projeto arrojado

A campanha evangelística começou nos primeiros dias de 2003, com o envolvimento e preparo dos 112 mil adventistas da Missão do Lago Titicaca, cuja sede está localizada em Puno. Esse preparo incluiu até a contratação de uma experiente profissional na área de relações públicas e promoção de eventos, a qual atuou no sentido de conseguir a cooperação das autoridades públicas e políticas, espaço na imprensa e coordenação de um programa de treinamento de instrutores bíblicos.

Atividades da Adra, Clínica Odontomédica, Rádio Novo Tempo e das 94 escolas e colégios adventistas da região, além dos pequenos grupos, cursos bíblicos, influência dos jovens adventistas, e até o deslocamento de 41 teologandos para passar cerca de dois meses na

área, atuando na assistência pré e pós-batizante; tudo foi direcionado em função da “Caravana do Poder”.

Bênçãos e maravilhas

Bem no início da “Caravana”, quando o grupo se reunia ainda em La Paz, capital da Bolívia, ninguém entendeu por que o avião que trazia o Pastor Bullón dos Estados Unidos se adiantou em 25 minutos, até o momento em que os carros que compunham a “Caravana” foram os últimos a poderem sair da Bolívia naquele dia, em razão dos conflitos sociais.

Quando um dos carros teve que atravessar um rio e não conseguiu sair, a surpresa ficou por conta de um jipe velho com dois homens, os quais ajudaram a salvar e a rebocar o carro, e logo em seguida desapareceram na imensa meseta (terreno plano, sem esconderijos).

O professor de música Limber Gavino, além de lecionar num colé-

gio estadual, conseguiu levar ao batismo 35 de seus alunos e cinco pais.

O Pastor Agostin Ticona teve que realizar batismos todos os dias da semana da “Caravana”, e num deles, começou às seis da tarde e foi até a meia-noite. Nessa semana batizou 214 pessoas.

Choquehuanca foi uma emoção especial. Aí o pároco tentou expulsar os adventistas no início de 1920, quando ali trabalhava o Pastor Pedro Kalbematter. Agora, ao chegar a “Caravana”, o prefeito entregou as chaves da cidade ao Pastor Bullón.

O último sermão e o último apelo foram em Puno, diante de mais de 20 mil pessoas no estádio local. Nessa cidade, os adventistas estão na proporção de um para cada dez habitantes. “Esse projeto é uma espécie de plano piloto, que poderá ser aplicado em outros lugares, inclusive em outros países”, sugere o Pastor Bullón. **M**

HUMOR

Acho que a melhor parte deste culto será a bênção apostólica.



PATERNIDADE, UM COMPROMISSO COM O FUTURO – Antônio Estrada Miranda, *Imprensa Universitária Adventista, Engenheiro Coelho, SP; Tel. (19) 3858-9055; 272 páginas.*

Educar filhos para que sejam adequados, responsáveis, bem-sucedidos e para que desenvolvam um caráter moral, não é muito fácil. Para que os filhos cheguem a ser homens e mulheres de bem, é necessária uma paternidade comprometida. É disso que trata este livro. Como ser pais comprometidos que assegurem a felicidade e o bem-estar dos filhos durante a infância e como prepará-los para que tenham êxito na vida? O livro não apenas enfoca o bem-estar dos filhos, mas se interessa pela tranquilidade dos pais. Por isso, traz sugestões sobre o que fazer diante das diversas situações preocupantes, relacionadas à educação dos filhos.



SE EU COMEÇASSE MEU MINISTÉRIO DE NOVO... –

John M. Drescher, *Editora Cristã Unida, Rua Taquaritinga, 118, Jardim Nova Europa, CEP 13.036-530; Campinas, SP; fone-fax (19) 234-5194; 106 páginas.*

Embarque numa viagem introspectiva através de 16 verdades que o ajudarão a revitalizar seu ministério. John M. Drescher oferece disciplinas espirituais que farão com que seu pastorado seja mais centralizado em Cristo e mais capacitado pelo Espírito Santo. Ele identifica erros do passado e, a partir daí, mostra como renovar um ministério eficaz. Dirige-se a todos os pastores que conhecem as pressões diárias para refletir sobre seu relacionamento com sua igreja e com o povo de Deus.

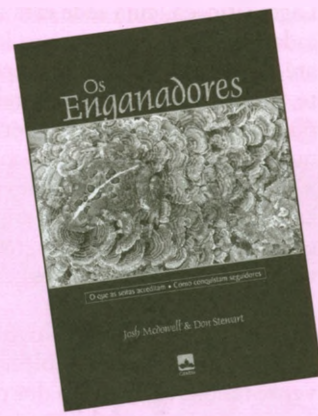
OS ENGANADORES – Josh McDowell

e Don Stewart, *Editora Candéia, Rua Domingas Galleteri Blotta, 148, Jd. Santa Cruz, CEP 04455-330 São Paulo, SP; 229 páginas. E-mail ecandeia@uol.com.br*

Este livro mostra os bastidores da embalagem muitas vezes sedutora das modernas seitas. É um breve guia de consulta que contém as referências que você precisa para ficar consciente e preparado a fim de confrontar esses grupos. Os *Enganadores* lhe mostrará como eles diferem do cristianismo bíblico, como seduzem seus membros, e como você pode levá-los ao conhecimento da verdade de Cristo Jesus.

VEJA NA INTERNET www.cristianet.com.br

É um site pessoal, com grande variedade de conteúdo e quase tudo em português. Na parte superior da tela estão os links para as diversas áreas. Já na página de abertura (Home) é oferecido um bom curso para casais; chama-se “Laços Eternos” - estudos bíblicos para quem está pensando em se casar. Outros bons textos podem ser encontrados na área de Teologia: tratam de diversos temas da Teologia Sistemática, e na parte intitulada “Teologia - Outros” há vários textos compactados (zipados) para download. Documentos sobre os pais da Igreja e outros, como as 95 teses de Lutero, podem ser encontrados na área de História. As áreas Apologia, Artigos e Células (algo semelhante aos nossos “pequenos grupos”) também apresentam material interessante. Finalmente, em Downloads estão disponíveis algumas Bíblias que são *freeware*, ou seja, cedidas pelos respectivos programadores, livres de direitos autorais. - Márcio Dias Guarda, *editor de Mídia Digital da Casa Publicadora Brasileira*





Este é o melhor momento

Jonas Arrais

Secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana

Estamos diante de um novo ano. São 366 dias para serem bem vividos e aproveitados. Como será 2004? O que ocorrerá neste período? Como usaremos este presente de Deus?

A Bíblia nos ajuda a encontrar respostas para essas indagações: “Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus. Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor” (Efés. 5:15-17).

Nesses três versos, o apóstolo Paulo apresenta algumas lições dignas de consideração.

O limite do tempo

Davi e Moisés, respectivamente, escreveram: “Dá-me a conhecer, Senhor, o meu fim e qual a soma dos meus dias” (Sal. 39:4); e “os dias da nossa vida sobem a setenta anos ou, em havendo vigor, a oitenta; neste caso, o melhor deles é canseira e enfado, porque tudo passa rapidamente, e nós voamos” (Sal. 90:10).

Tempos atrás, a revista *People* publicou um artigo intitulado “Morte pela frente”, no qual o autor apresentou o lançamento de um relógio que registrava quanto tempo uma pessoa ainda teria de vida. Bastava ao interessado registrar o sexo e a idade. Calculava-se a média de vida de 75 anos para os homens, e 80 anos para as mulheres.

A Bíblia ensina a não nos preocuparmos com o dia de amanhã, porque ele pode vir ou não para você e para mim. O que temos como certo é o agora. Isso nos ensina que o tempo disponível é muito valioso, porque é limitado.

Aproveitar oportunidades

A expressão “remindo o tempo” significa que devemos aproveitá-lo da melhor maneira possível ou tirar o maior proveito das oportunidades que surgem. E Paulo apresenta uma razão para isso: “porque os dias são maus”. O mau uso ou má administração do tempo é um dos maiores problemas da humanidade. Sobrecarga de trabalho e responsabilidades é um fator que atrapalha. Um ano bissexto, como é o caso deste, possui 8.784 horas. É tempo suficiente para ser usado com sabedoria e da melhor forma possível.

Conhecer a vontade de Deus

O Senhor espera que tenhamos tempo para as coisas espirituais. Portanto, descobrir qual é a vontade de Deus para este novo ano deveria ser nosso primeiro passo, antes de elaborarmos as prioridades do trabalho. Considere estas sugestões:

Qual é a coisa mais importante da vida? Espero que sua resposta seja: “Meu relacionamento com Deus.” Se for assim, creia que tal decisão influenciará todas as demais áreas de sua vida. Colocar as coisas de Deus como a principal prioridade inclui dedicar tempo para oração e estudo de Sua palavra.

Tempo para a família. Cometemos uma injustiça, quando não dedicamos o devido tempo para estar com a família. Momentos desfrutados juntos, sem a interferência de telefone, televisão, assuntos de trabalho e outros intrusos, podem restaurar relacionamentos e afetos que estão morrendo, simplesmente por falta de tempo para conversar.

Tempo para o trabalho. A cada dia aumenta a preocupação das pessoas em relação ao trabalho, devido ao desemprego e a crise financeira que o mundo atravessa. A luta pela sobrevivência e manutenção da família torna-se, a cada dia, um desafio e fator de estresse para muitas pessoas. Como cristãos devemos trabalhar; mas não podemos esquecer que trabalhamos para viver e não vivemos para trabalhar.

Viver o presente. Os dois maiores inimigos do viver bem no presente são o passado e o futuro. As lembranças tristes de coisas que fizemos ou deixamos de fazer no passado, e as ansiedades e preocupações com o futuro podem paralisar ou destruir nosso potencial de desfrutar o melhor do hoje.

Mais um ano está começando. Uma nova página da história de nossa vida está para ser escrita. A esperança de um feliz ano novo bate forte em nosso coração. Deus quer ajudar-nos a administrar e aproveitar bem o tempo que se chama hoje. Ele também deseja que não percamos de vista a eternidade que está diante de nós, e que nos envolvamos na pregação de Sua palavra, levando esperança àqueles que não a têm. “E digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos. Vai alta a noite, e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas, e revistamo-nos das armas da luz” (Rom. 13:11 e 12). **M**

Deus quer
ajudar-nos a
administrar e
aproveitar
o tempo que se
chama hoje.

Prepare-se para
um dia inesquecível

CASA ABERTA 2004

12 de setembro

12020 - CASA Douglas Assunção



Lançamentos de CDs - Apresentações musicais - Superdescontos em todos os nossos produtos
Praça de alimentação - Gente de todo o Brasil - Você não pode perder!

Venha conhecer
nossa nova
impressora
rotativa